

Mulheres, submetam-se!

No meio evangélico de língua inglesa aparece – em todas as denominações – pelo menos um livro novo por mês sobre a questão dos sexos e todos os temas ligados a ela: gênero, transgênero, casamento, família, aborto, abuso, violência doméstica em casamentos cristãos etc. Na Alemanha a frequência é menor; as pessoas se acomodaram ao status quo. Talvez sejam três livros por ano que se ocupam dessa temática.

Algumas ondas tempestuosas atravessam o mundo cristão, motivo suficiente para encarar essas perguntas de novo em cada geração e para entender de novo, para si mesmo, para o próprio casamento e para a própria igreja, como devemos e podemos viver a relação entre os sexos. Os cristãos se orientam por Jesus e pelos apóstolos, e com isso pela Bíblia.

Como se sabe, muitos cristãos conservadores entendem a relação entre os sexos, em linhas gerais, de tal modo que Adão, e com ele todo homem, tem um papel de liderança superior e de maior responsabilidade em relação a Eva e à mulher como tal. Por isso a mulher se submete e não tem nenhum cargo, ou apenas poucos, na igreja. Ela não prega nem ensina. Essa é a doutrina da história da igreja; não a do primeiro e do segundo séculos, mas a partir daí até algumas décadas atrás. E muitos pensam que essa é a verdade divina, a doutrina correta e a prática de vida correta. A motivação para isso é a fidelidade à Bíblia, sem dúvida. Só quando esse domínio masculino é questionado em princípio é que se revelam padrões de pensamento que até então não tinham chamado a atenção.

Nos Estados Unidos, essa posição é defendida por movimentos mais recentes como T4G e The Gospel Coalition e, sobretudo, pelos Batistas do Sul (The Danvers Statement). Grudem, Moore, Piper, Schreiner, Köstenberger, DeYoung, Keller, Carson, Storms, MacArthur e Strauch são personalidades conhecidas que se empenham por essa visão – a meu ver, totalmente equivocada. Durante muito tempo eu mesmo defendi e ensinei essa visão, e estimo a maioria dos irmãos mencionados e seus trabalhos exegéticos. A divergência tem a ver com este tema homem-mulher (e com o calvinismo que eles defendem, o que aqui não é relevante).

Na Alemanha, iniciativas e editoras se sentem chamadas a seguir esses líderes, a refrescar essas teses e a vendê-las como verdade bíblica. Menciono aqui algumas cuja “fidelidade à Bíblia” eu mesmo defendo da mesma forma na maioria dos pontos, mas não neste tema homem-mulher: E21, EBTC, editora 3L, editora CLV, editora CSV, CV Dillenburg, Betanien etc., as assembleias dos Irmãos exclusivos e dos Irmãos livres, igrejas de influência russo-alemã, em parte também as FeG e as EFG (igrejas livres evangélicas e batistas), e todas as igrejas listadas em KFG.org.

Este documento contém dois capítulos do livro do sul-africano Terran Williams, “How God Sees Women: The End of Patriarchy”. Ele mesmo é pastor de uma grande igreja e, até algum tempo atrás, defendia a visão complementarista, isto é, a submissão hierárquica da mulher, embora de forma moderada, e seguia os irmãos norte-americanos mencionados acima. Até que voltou a se debruçar a fundo sobre os textos bíblicos e teve de rejeitar completamente essa visão. Algo semelhante, ou quase igual, aconteceu comigo. Disso surgiu um livro que mais uma vez traz luz e que simplesmente refuta essa visão patriarcal e complementarista.

Hans-Jörg Ronsdorf, abril de 2022, complementado em outubro de 2026

O livro inteiro já está disponível em alemão

Terran Williams: Wie Gott Frauen sieht (Como Deus vê as mulheres). Biblische Perspektiven jenseits von Macht und Tradition (Perspectivas bíblicas para além do poder e da tradição). Kirche für Alle, 2026.

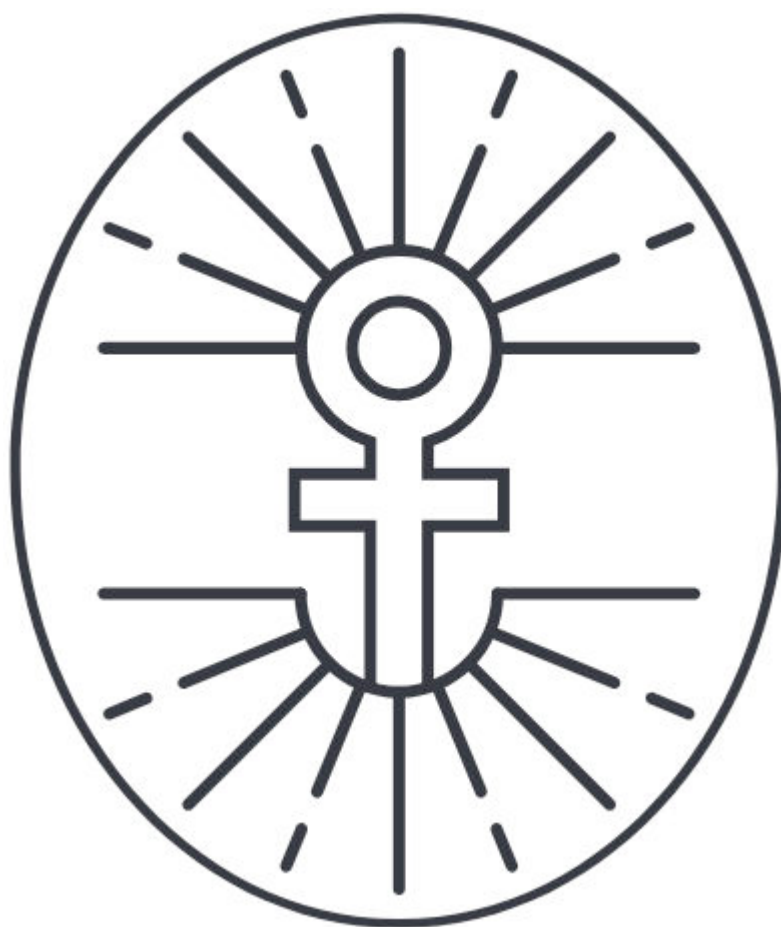
Brochura, 18,80 € (ISBN 978-3-9826027-8-3): <https://www.amazon.de/dp/3982602785>

E-book Kindle, 9,80 €: <https://www.amazon.de/dp/B0HDPLZJ3C>

Mais sobre o livro: <https://www.hans-joerg-ronsdorf.de>

Os dois capítulos a seguir – o capítulo 8, “Mulheres, submetam-se”, e o capítulo 9, “O Deus que se adapta” – são o texto desta edição alemã.

8



Mulheres, submetam-se

“Os cônjuges não estão numa relação hierárquica um com o outro, nem estão separados um do outro como unidades autônomas que fazem, cada uma, o que lhes agrada. Pelo contrário, o casamento é uma relação de submissão mútua.” Richard Hays¹

“Precisamos preparar nossas filhas para que um dia se submetam ao marido.” Quando ouvi há pouco tempo uma mãe dizer isso à minha esposa, aquilo realmente me fez pensar. Será que eu deveria mesmo ensinar minha filha Ivy a submeter-se um dia ao marido? O tema liderança–submissão no próprio casamento já é pessoal o bastante. Mas, quando tenho de pensar em quais ensinamentos sobre o casamento devo transmitir a meus filhos, sinto-me ainda mais obrigado a ensinar o que é certo.

Complementarismo de um ponto

Foi só durante minha pesquisa para este capítulo e para o próximo que me despedi definitiva e completamente da ideia de que o ideal de Deus para todos os casamentos inclui mesmo a forma mais branda de autoridade e submissão entre marido e mulher. Por causa do que eu lia em Efésios 5, pensei por muito tempo que a liderança abnegada do marido em relação à esposa deveria refletir a liderança abnegada de Cristo em relação à sua igreja.

O *complementarismo de um ponto* sustenta que as mulheres podem liderar homens na igreja e na sociedade, ao passo que as esposas devem praticar uma espécie de submissão unilateral ao marido.² Com isso ele se distingue do *complementarismo de dois pontos*, que exige a submissão da mulher no casamento e na igreja. Curiosamente, muitos teólogos e igrejas no mundo inteiro defendem o complementarismo de um ponto.³

Posso imaginar que muitos adeptos do complementarismo de dois pontos que leem este livro se deixarão convencer a abandonar a exclusão das mulheres da liderança da igreja, mas talvez ainda se apeguem a alguma forma de autoridade–submissão no casamento. Como eu mesmo defendi essa posição durante alguns anos, consigo entender isso muito bem.

Quando meu estudo cada vez mais profundo de Efésios 5 me levou a abandonar também o complementarismo de um ponto, curiosamente isso não provocou mudanças essenciais no meu casamento. Como ainda vou explicar, percebi que no meu casamento eu já era mais ou menos um mutualista. Pois, se quase duas décadas de experiência de casamento me ensinaram uma coisa, é esta: um casamento igualitário é muito mais desejável do que um casamento em que um dos parceiros lidera e o outro segue. E isso apesar dos muitos slogans bonitos sobre o casamento “cristão” que eu e outros pregamos tantas vezes, como por exemplo: “Ele se sacrifica, ela se sujeita; ele lidera, ela segue; ele toma a iniciativa, ela confirma.”⁴

Embora Jesus não mencione com uma única palavra um papel de liderança do marido sobre a esposa,⁵ Paulo parece ter muito a dizer sobre isso, especialmente em Efésios 5, o texto de que trata principalmente este capítulo. Refiro-me aos seguintes versículos (LUT, Bíblia de Lutero [tradução alemã da Bíblia], aqui traduzida do alemão):

21 Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo.

22 Mulheres, submetei-vos a vossos maridos como ao Senhor. 23 Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja – ele a salvou como seu corpo. 24 Mas, assim como a igreja se submete a Cristo, assim também as mulheres devem submeter-se a seus maridos em tudo. 25 Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e se entregou a si mesmo por ela, 26 para santificá-la. Ele a purificou pelo lavar da água na palavra, 27 para apresentar a si mesmo a igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. 28 Assim também os maridos devem amar suas mulheres como a seu próprio corpo. Quem ama sua mulher ama a si mesmo. 29 Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo faz com a igreja. 30 Porque somos membros do seu corpo. 31 “Por isso deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne” 32 Grande é este mistério; mas eu o refiro a Cristo e à igreja. 33 Por isso também vós: cada um ame sua mulher como a si mesmo; e a mulher tenha reverência para com o marido.

Enquanto me ocupava deste capítulo, veio-me à mente uma frase de C. S. Lewis: “Muitos ... descobrem que o coração lhes canta sem querer enquanto vão trabalhando um texto teológico difícil com um

cachimbo na boca e um lápis na mão.” Efésios 5 é um desses textos difíceis, repleto de teologia, com o qual me ocupo há muitos anos. Há três razões pelas quais o estudei tão intensamente.

A primeira razão é: minha relação terrena mais importante é a relação com minha esposa. Quero obedecer à Palavra de Deus e aplicar a sabedoria de Deus ao meu casamento, e este trecho é um dos textos bíblicos mais importantes sobre o tema do casamento; por isso quero entendê-lo corretamente.

A segunda razão é: a leitura deste trecho segundo a qual “o marido lidera e a mulher segue” contradiz minha própria experiência e percepção cultural. Quero explicar isso melhor: sou casado com uma mulher que é tão instruída e competente quanto eu – em muitos aspectos, até mais. Ela lida melhor com as finanças do que eu e atualmente ganha mais dinheiro do que eu; ela avalia melhor do que eu as necessidades emocionais e práticas dos nossos filhos; e, por natureza, ela sabe conduzir grupos de pessoas melhor do que eu. Além disso, Deus parece falar com ela sobre nossa família e nosso ministério tanto quanto fala comigo. Quando faço valer meu papel de liderança em relação a ela, isso me parece não só arbitrário, mas também uma violação da nossa relação e da competência dela. Se sou honesto, parece-me muito melhor trabalhar junto com ela *como parceira em igualdade* do que lhe oferecer minha liderança.

A terceira razão pela qual lutei com este trecho é a seguinte: mesmo excelentes comentaristas bíblicos chegam a resultados diferentes quanto ao que ele afirma, e pastores chegam a resultados diferentes quanto à aplicação de suas convicções a um casamento concreto. Por mais simples que as palavras pareçam numa primeira leitura, olhando mais de perto Efésios 5 levanta mais perguntas do que dá respostas. Vejamos apenas os primeiros versículos: por que Paulo começa suas explicações sobre a relação conjugal com o versículo sobre a submissão mútua? O que significa “cabeça”? O que significa “submeter-se”? A palavra “submeter-se” tem o mesmo significado nos versículos 21 (“Submetei-vos uns aos outros”), 22 (Mulheres, submetei-vos a vossos maridos) e 24 (A igreja se submete a Cristo)? E o que significa concretamente para as mulheres submeter-se ao marido “em tudo”?

Vou tratar dessas perguntas com base em quatro interpretações – ou “visões” – diferentes. Como três quartos do trecho de Efésios 5 se dirigem ao marido, vou definir cada visão com base no que se exige de um marido cristão. Essas quatro visões consideram o marido como aquele que toma as decisões (visão 1), como aquele que tem o voto decisivo (visão 2), como servo de sua parceira em igualdade (visão 3) e como *paterfamilias* redimido (visão 4).

Visão 1: Normalmente, o marido é quem toma as decisões

Essa é a visão de Wayne Grudem. Ele escreve que Paulo, em Efésios 5:21, com “Submetei-vos uns aos outros”, não quer dizer que todos os cristãos devem submeter-se a todos os cristãos, mas apenas que todos os cristãos devem submeter-se somente àqueles que têm legitimamente autoridade sobre eles. Em outras palavras: a submissão vale para a mulher em relação ao marido, mas definitivamente não o contrário.

Ele diz que “cabeça” em “o marido é a cabeça da mulher” significa “autoridade sobre”. Paulo obrigaria os maridos a assumir a liderança sobre suas esposas, e exortaria as esposas a aceitar essa liderança. Quando Paulo fala de o marido entregar a vida por sua esposa, como Jesus fez pela igreja, isso significa que ele exorta o marido não só a amar a esposa, mas também a liderá-la com amor. Por fim, quando Paulo cita Gênesis 2:24, segundo Grudem, ele fundamenta a autoridade do marido sobre a mulher no relato sobre o domínio de Adão sobre Eva antes da Queda.

Quanto aos efeitos práticos de tudo isso, Grudem nos conta como ele o põe em prática no próprio casamento:

Em toda decisão, grande ou pequena, e independentemente de estarmos de acordo ou não, a responsabilidade pela decisão está sempre comigo. (Falo aqui de decisões que dizem respeito a nós dois, não de decisões individuais que cada um toma em sua área pessoal de responsabilidade.) Não tenho apreço pela visão de que a condição de cabeça do marido só entra em jogo mais ou menos uma vez a cada dez anos, quando marido e mulher não conseguem chegar a um acordo. Na minha opinião, a condição de cabeça do marido tem importância em cada decisão que o casal toma ao longo de sua vida conjugal. Se existe uma verdadeira condição de cabeça do marido, então há um acordo tácito de que o centro de gravidade do processo de decisão está com o marido, e não com a esposa. E, ainda que muitas vezes haja muita discussão e que o respeito e a consideração mútuos devam ser preservados, a responsabilidade pela decisão cabe, em última instância, ao marido.⁶

John Piper se junta em grande parte a essa visão. Ele se lembra com simpatia do casamento de seus pais, no qual seu pai costumava tomar as decisões:

Quando meu pai chegava em casa, ele era claramente o cabeça da família. Ele fazia a oração à mesa. Ele reunia a família para o culto doméstico. Ele nos levava à escola dominical e ao culto. Ele dirigia o carro. Ele decidia onde nos sentaríamos. Ele decidia ir almoçar no Howard Johnson's. Ele nos conduzia até a mesa. Ele chamava a garçonete. Ele pagava a conta. Era com ele que tínhamos de nos ver quando infringíamos uma regra da família ou éramos desrespeitosos com nossa mãe. Esses eram os tempos mais felizes para nossa mãe. Ah, como ela se alegrava quando o papai estava em casa! Ela amava a liderança dele. Mais tarde aprendi que a Bíblia chama isso de "submissão".⁷

A maioria dos livros cristãos populares sobre casamento defende essa visão. Um deles diz, por exemplo: "O marido ... é responsável pelas decisões importantes do lar. ... Uma esposa aberta e receptiva abre mão de bom grado ... de sua liberdade em troca do amor dele, da adoração dele, da proteção e do sustento dele."⁸ Outro compartilha essa opinião: "Um homem pode ter muitos superiores fora de casa, mas em casa ele tem a oportunidade de exercer autoridade de maneira amável e de receber o respeito que lhe é devido."⁹

Antes de passar às outras visões, quero dizer o seguinte: até a década de 1980, quase todos os exegetas bíblicos e cristãos liam a Bíblia exatamente dessa maneira. Portanto, trata-se de uma visão que precisa ser levada a sério.

Mas quero ser honesto: essa abordagem seria a morte do meu casamento! Como pastor, nunca defendi essa visão. Sem dúvida, Grudem e Piper tiveram experiências de vida diferentes das minhas. No entanto, não consigo imaginar uma relação íntima em que uma pessoa toma todas ou a maioria das decisões que dizem respeito aos dois. Chego à conclusão: ou os casais que defendem essa visão preferem, por causa de sua educação ou cultura, o "casamento tradicional" de antigamente, ou são formados por um marido que é um líder nato e por uma esposa que é uma seguidora nata. Mas nem todo casamento é feito assim, e muito menos o de Julie e o meu. Fico contente que pastores e teólogos, nas últimas décadas, tenham oferecido uma forma modificada dessa visão. Alguns a chamam de "complementarismo brando"; eu a chamo de "o marido com o voto decisivo".

Visão 2: O marido tem o voto decisivo (em casos raros)

Em seu best-seller *The Meaning of Marriage* [O significado do casamento], Timothy e Kathy Keller defendem uma variante mais branda do casamento complementarista. Eles dedicam um capítulo inteiro ao fato de que Paulo – diferentemente de Grudem – apresenta os papéis dos sexos no casamento, no versículo 21, como expressão de submissão mútua. Os Keller definem essa submissão como a decisão de servir e agradar humildemente ao outro:

Em Filipenses 2:2-3, Paulo diz sem rodeios que entre os cristãos “cada um, com humildade, deve considerar o outro superior a si mesmo”. ... Devemos considerar os interesses dos outros mais importantes do que os nossos. Em outro lugar ele diz que não devemos “agradar a nós mesmos”, mas “agradar ao próximo no que é bom, para edificação. Porque também Cristo não se agradou a si mesmo” (Romanos 15:1-3). Paulo exige até que os cristãos sejam “douloi” uns dos outros (Gálatas 5:13) – literalmente: servos. ... Quer sejamos marido ou esposa, não devemos viver para nós mesmos, mas para o outro. E essa é a tarefa mais difícil, mas também a mais importante, de um marido ou de uma esposa no casamento.¹⁰

Segundo essa visão, a submissão mútua deve ser entendida nas duas direções: enquanto Paulo, nos versículos 22-24, exorta as mulheres a submeter-se ao marido, ele explica aos maridos, nos versículos 25-29, como devem submeter-se às suas esposas (em amor abnegado).

Apesar da submissão mútua, os Keller continuam defendendo o papel do marido como cabeça. Fazem isso passando da formulação de um marido em submissão mútua com sua esposa para a de um marido que se submete “ao papel de líder servidor”.¹¹ (Devo observar neste ponto que o uso da palavra “submeter-se” aqui é questionável, pois ela tem outro significado do que na ideia de submissão mútua: submeter-se *a um papel* não é de modo algum o mesmo que submeter-se *a uma pessoa*.)

Felizmente, os Keller defendem um tipo de liderança muito mais brando do que aquilo que nos séculos passados se entendia por submissão da esposa: “Quando as duas partes não conseguem chegar a um acordo, mas uma decisão tem de ser tomada, [o marido] tem o direito de dar o voto decisivo e (com isso) assumir a responsabilidade maior pela decisão.”¹² Em outro lugar, Timothy Keller descreve isso como o direito do marido de “anular” as objeções da esposa, tendo “a última palavra”.¹³ Em outras palavras: *só em caso de desacordo, e não nas decisões do dia a dia*, o marido deve tomar uma decisão.

Como complementarista “brando” durante muitos anos, eu, assim como muitos outros representantes dessa linha, apliquei esse ensino dizendo, por exemplo: “De vez em quando, em casos muito raros, uma decisão precisa ser tomada. Se vocês não conseguirem chegar a um acordo, a esposa deve pedir ao marido que tome uma decisão sobre o assunto.” Meu amigo Alan Frow, um influente pastor complementarista no sul da Califórnia, diz, por exemplo, que quase todas as decisões em seu casamento são tomadas em conjunto; e continua: “Sou casado há 25 anos, e nesse tempo minha esposa só me disse cinco vezes: ‘Não conseguimos chegar a um acordo. Você é o líder, então vá e busque a Deus.’ ”¹⁴

No meu próprio casamento passaram-se anos sem que eu precisasse usar meu “poder de decisão”, porque sempre encontrávamos um consenso. *Mas isso também significa que meu “papel de liderança” em relação a Julie e o dever dela de “submeter-se” a mim praticamente não existiam em nossa experiência vivida.*

Dúvidas sobre o modelo do voto decisivo

Para muitos defensores de um complementarismo brando – eu mesmo fui um deles durante muitos anos –, o trabalho difícil de atualizar teologicamente a própria posição parece não valer o esforço. Em praticamente todos os dias do ano, sua forma de casamento é exatamente igual à dos mutualistas. De fato, talvez eu tivesse me apegado por mais tempo à visão dos Keller (e tenho compreensão por outros que ainda o fazem) se não tivesse começado a me perguntar *se mesmo uma forma branda de autoridade e submissão é realmente o ideal de Deus para todos os casamentos*. Na verdade, tenho até cinco sérias objeções.

Primeiro: se apresentamos a submissão da mulher à autoridade do marido como ideal, fica tanto mais fácil ignorar as contribuições importantes dela na igreja e na sociedade. Apesar da postura branda dos complementaristas, quando enfatizam que a submissão da mulher se refere apenas ao marido e não a todos os homens, eles ainda assim usam esse ponto para argumentar que mulheres que precisam ser lideradas em casa não deveriam assumir um papel de liderança na igreja.¹⁵ Frow, por exemplo, diz com toda razão que os papéis no casamento, dentro de uma família, são um “espelho misterioso”¹⁶ da relação entre Cristo e a igreja. É verdade que ele afirma que as mulheres podem assumir tarefas de liderança na sociedade; mas chega à conclusão de que “na família de Deus esse espelhamento misterioso deveria se tornar visível”.

Mas esse salto é justificado? Em Efésios 5, Paulo diz que a união de marido e mulher é um “mistério” que aponta para a união entre Cristo e a igreja. Por que, então, os complementaristas acham que têm a liberdade de transferir esse “mistério” indiscriminadamente para uma comunidade inteira, de modo que presbíteros homens de algum modo representam Jesus como marido (e por isso têm de ser homens), enquanto o restante da igreja representa a noiva (o que, estranhamente, se afasta da analogia, pois tanto mulheres *quanto* homens estão incluídos)? Além disso, a ideia de que os presbíteros da igreja representam o marido da igreja é perigosa e antibíblica – sobretudo porque é claramente só Jesus quem ocupa esse papel. Se levarmos adiante a analogia entre casamento e igreja, os líderes da igreja deveriam, no máximo, assumir o papel do amigo do noivo, Jesus, como João Batista em João 3:29.

Segundo: perguntei-me por que Paulo – segundo a visão complementarista do casamento – haveria de apresentar como ideal justamente aquela ordem hierárquica que só surgiu com a Queda, cujas consequências Deus anunciou não como promessa, mas como predição funesta: “Ele te dominará.”¹⁷

Terceiro: fico sempre de novo horrorizado com a frequência comprovada com que ocorre abuso por parte do cônjuge em casamentos cristãos. Sociólogos como Elaine Storkey defendem a visão de que não ajuda em nada ensinar a submissão feminina como norma ordenada por Deus. Mesmo quando os maridos ouvem que devem exercer sua autoridade com “bondade”, a ideia de uma autoridade masculina ordenada por Deus às vezes os encoraja a “acreditar, de forma aberta ou inconsciente, em privilégios e direitos masculinos. Com isso, os homens reivindicam direitos a liberdades, status e opiniões que não valem para suas parceiras”.¹⁸ A menos que pertençam ao tipo mais santificado de marido, eles tendem, por não verem suas parceiras como verdadeiramente iguais a eles, a tratá-las como inferiores – ainda que só um pouco.¹⁹

Na África, onde vivo, a dimensão da violência de gênero é simplesmente assustadora. Ouvi histórias de maridos cristãos que batem nas esposas por desobediência (e até de um pastor que bate numa mulher de sua igreja porque ela é desobediente ao marido). Além disso, algumas pesquisas²⁰ mostram que o

ensino da sujeição feminina aumenta a probabilidade de uma mulher maltratada permanecer num casamento violento. Além disso, as igrejas às quais elas recorrem em busca de ajuda muitas vezes as desaconselham a se separar de seu agressor. Se esse ensino é o ideal de Deus, perguntei-me, por que ele, assim que chega a ouvidos cristãos, causa danos com tanta frequência?

Quarto: por mais que eu prefira o complementarismo brando a uma forma mais dura, tive de constatar que se trata de uma criação totalmente nova. Se a interpretação que leva ao casamento complementarista moderado tem apenas cerca de meio século, então ela é ainda mais recente do que a interpretação que leva ao casamento mutualista. Embora eu seja grato por esse novo complementarismo brando ao estilo dos Keller, tenho de concordar com teólogos complementaristas como Grudem e Russell Moore quando sugerem que essa abordagem, na verdade, se parece mais com um casamento mutualista do que com um casamento complementarista. Se uma interpretação sóbria do texto exige que regularmente seja eu quem toma as decisões e minha esposa se submete a mim, então de fato nunca vivemos um casamento “bíblico”, mas antes um casamento que “apoia a submissão mútua dentro de uma parceria conjugal igualitária”, na qual as decisões são tomadas “por meio de um processo de busca de consenso” – é assim que Moore define um casamento “feminista”, e definitivamente não um casamento “bíblico” ou complementarista.²¹ Se Grudem (e a visão histórica) tiverem razão, então ou Deus quer que eu mude meu comportamento e tome mais decisões em nome da minha esposa, ou eu tenho de mudar minha teologia. Continuar vivendo em contradição com aquilo em que cremos seria pura incoerência.

Quinto: para a pergunta “*Por que a mulher deveria submeter-se?*”, não há, na minha opinião, nenhuma resposta satisfatória. A visão 1 pode parecer estranha para muitos de nós hoje, mas durante séculos ela era totalmente lógica: na cultura e no ensino da igreja vigorava a convicção de que as mulheres eram inferiores aos homens e, por isso, precisavam ser conduzidas para o seu próprio bem. Desde a década de 1960, porém, essas ideias estão superadas tanto na cultura quanto na igreja. Todos nós conhecemos muitas mulheres que são mais inteligentes e mais decididas do que seus maridos. Portanto, não pode ser que elas sejam inferiores na tomada de decisões. Por que, então?

Os Keller têm uma resposta para isso: “A resposta a essa pergunta é outra pergunta: ‘Por que Cristo entregou a autoridade ao Pai?’ ” Na opinião deles, a submissão da mulher à autoridade do marido deve refletir a relação entre Cristo e o Pai. Como já expliquei nos capítulos 3 e 6, porém, isso representa de forma equivocada a relação trinitária. Além disso, ignora o fato de que a Escritura em parte alguma equipara a entrega da autoridade do Filho ao Pai à entrega da autoridade da mulher ao marido.

John Piper dá outra resposta: a submissão de uma esposa cristã ao marido representa, para o mundo que observa, a submissão da igreja a Cristo. Isso soa bonito, mas, olhando mais de perto, vê-se: só funciona na visão 1, em que o marido conduz a esposa em todos os dias da vida dela. A visão 2 é uma má representação da liderança de Cristo sobre a igreja – se Jesus é nosso Senhor, então consentimos com a sua condução diária, e não com uma suave tomada de decisão em conjunto, na qual só de vez em quando, quando não conseguimos chegar a um acordo, permitimos que Jesus jogue o seu trunfo.

É verdade que teólogos como Keller e Piper se esforçam para apresentar razões teológicas, mas muitos pastores, que muitas vezes têm uma mentalidade mais pragmática, justificam a autoridade do marido com o seguinte argumento: como tudo o que tem duas cabeças seria um monstro, é importante saber quem, no fim, fica com a batata quente [da responsabilidade]. Mas essa razão eu não posso aceitar. Quero explicar por quê.

“Quem vai ficar com a batata quente no fim?”

Será que numa relação a dois realmente sempre só uma pessoa precisa carregar a responsabilidade, porque senão o casamento se desfaz? Entendo que uma equipe esportiva precise de um capitão, um exército de um general e uma empresa de um CEO. Mas duas pessoas numa união de “uma só carne”, que idealmente vivem uma com a outra “nuas”, isto é, conscientemente vulneráveis, como diz Gênesis 2:25, certamente não precisam de um chefe! Precisam, isso sim, comprometer-se de corpo e alma a amar e servir um ao outro como parceiros em igualdade.

Love and Respect, um livro cristão muito influente sobre o tema do casamento, formula o argumento assim: “Um casamento com duas cabeças em igualdade está condenado ao fracasso. Essa é uma das razões essenciais pelas quais tantas pessoas hoje se divorciam.”²² Mas onde estão as provas dessa afirmação descabida? Eu gostaria de ler mais estudos sobre esse tema. Um estudo recente com 21.000 mulheres cristãs casadas e divorciadas, que frequentam regularmente a igreja, chega ao resultado oposto: “Casais em que um dos parceiros toma as decisões – mesmo que antes as discuta com o outro parceiro e peça a opinião dele – se divorciam 7,4 vezes mais do que casais que compartilham o poder de decisão.”²³

Muitos cristãos sabem disso intuitivamente, independentemente de suas opiniões teológicas. Dos milhares de entrevistados, cerca de 40% acreditavam que o marido tem o poder de decisão final, enquanto cerca de 60% eram da opinião de que a esposa deveria amar o marido submetendo-se a ele. Ainda assim, apenas 17,3% dos casais de fato agem de modo que o marido tenha a última palavra. Em contrapartida, 78,9% dos casamentos funcionam sem um poder de decisão final, isto é, os parceiros tomam as decisões juntos ou as adiam quando não estão de acordo.

Temos aqui dois dilemas que pastores como eu preferem não admitir. Primeiro: existe uma discrepância entre as convicções e o comportamento das pessoas que lideramos. A maioria dos cristãos de fato acredita que o marido é quem toma as decisões ou quem dá o voto decisivo em caso de desacordo, mas a maioria não age de acordo com isso. Segundo: “Embora muitos casais cristãos acreditem que os maridos têm o poder de decisão, *essa crença não prejudicou o casal até ser posta em prática.*” Será que pastores como eu deveriam insistir em que o povo de Deus comece a praticar aquilo em que crê, ou devemos questionar aquilo que lhe ensinamos a crer? Se, como pastor, eu realmente quero o melhor para os casais que lidero, tenho de encarar alguns fatos duros:

Quando as mulheres têm a sensação de que não são ouvidas e de que a opinião delas não é tão importante quanto a do marido, a probabilidade de divórcio é 26 vezes maior. ... Mesmo que um homem pergunte à esposa qual é a opinião dela, nos casamentos em que ele tem o poder de decisão a opinião dele, por definição, tem mais peso que a dela. E, quando as mulheres sentem que a opinião delas não tem o mesmo peso que a do marido, é mais provável que o casamento se desfaça.²⁴

Inversamente, a reciprocidade no casamento tem vantagens claras: “Nos casais que tomam decisões juntos, as esposas se incluem mais de quatro vezes mais frequentemente entre os 20% de casamentos mais felizes do que entre os 20% mais infelizes. Além disso, têm uma probabilidade 67% maior de chegar frequentemente ao orgasmo no sexo.”²⁵ Esses resultados de pesquisa confirmam que os melhores casamentos (e os que têm a melhor vida sexual) são aqueles em que os problemas são resolvidos conscientemente em conjunto e em que, havendo desacordo, se dedica o tempo e o cuidado necessários para chegar a um acordo.

Consigo entender que o líder de uma equipe de liderança de, digamos, dez pessoas precise ocasionalmente atuar como quem dá o voto decisivo. Mas devemos nos guardar de transferir a dinâmica de decisão de uma empresa para um casamento, que é formado por apenas duas pessoas, ligadas muito mais num nível interpessoal do que funcional, e que se comprometeram com uma comunhão de almas.

Além disso: com que frequência os casais realmente chegam a uma situação em que uma decisão importante tem de ser tomada sem que tenham tempo para chegar a um acordo? Normalmente há tempo suficiente para decidir. Como alternativa, o casal confia no parceiro que, na área em questão, tem a convicção mais forte ou o maior conhecimento técnico. Se, mesmo assim, um casal não chega a um acordo, isso mostra que ambos estão convencidos de sua opinião. *Que o marido imponha a sua vontade justamente nesse momento, em que as opiniões mais divergem, parece-me a pior solução!* Não há possibilidade de o casal discutir esse assunto até que se chegue a um consenso? Até que se alcance clareza, é melhor continuar a conversa, e enquanto isso tanto o marido quanto a esposa deveriam buscar em oração a melhor solução, pedir conselho a outros e esforçar-se para realmente ouvir o outro.²⁶

Minha experiência me leva à seguinte conclusão: se eu uso minha autoridade justamente quando minha esposa tem uma opinião da qual está tão convencida que me contradiz, isso equivale a sabotar a relação. Diferentemente de Alan Frow, que se lembra de cinco casos em que a esposa lhe pediu que jogasse o trunfo, consigo me lembrar de um único caso em que tomei uma decisão importante apesar da insegurança de Julie. Mas, mesmo nesse caso concreto, ela confiou mais na minha convicção do que simplesmente aceitou minha autoridade. Pensando bem, lembro-me de muitas outras situações em que tentei tomar uma decisão definitiva contra a opinião dela, só para depois encontrar nela uma enérgica oposição. Felizmente, todas as vezes eu a ouvi, e adiamos a decisão definitiva. Olhando para trás, creio que eu teria destruído a confiança dela se, apesar de suas preocupações justificadas, tivesse tentado fazer valer minha autoridade.

Com isso quero dizer que me vieram sérias dúvidas sobre a visão 2! Quanto mais velho fico e quanto mais casais acompanho como pastor e amigo, mais difícil se torna para mim ignorar essas objeções. Cheguei à conclusão: a maneira como Julie e eu vivemos nosso casamento diante de Deus, e como ensinamos nossos filhos a tratar seus cônjuges e a deixar-se tratar por eles, é um tema tão central que é melhor encarar as fraquezas até mesmo da visão do “voto decisivo” e estar aberto a outras interpretações possíveis de Efésios 5. Quando fiz isso, redescobri a alegria de não ler apenas superficialmente textos difíceis como Efésios 5, mas de cavar mais fundo e perguntar não só o que o texto diz, mas também por que o diz e a quem foi originalmente dirigido.

Visão 3: O marido como servo de sua parceira em igualdade

Antes de me ocupar a fundo desta terceira visão, eu partia do princípio de que se tratava claramente de uma tentativa de contornar o ensino claro de Efésios 5. Eu teria concordado com Frow, que suspeita que por trás disso estava o esforço de “torcer” interpretativamente o texto bíblico. *Quando finalmente me ocupei a fundo dessa visão, constatei com espanto que ela é de fato convincente* – não um caso de acrobacia exegética, mas o resultado do trabalho minucioso e árduo, urgentemente necessário, que uma interpretação bem fundamentada exige. O teólogo Philip Payne faz várias observações sobre Efésios 5 que tornam muito provável que Paulo de fato vise à igualdade e à reciprocidade como base do casamento, e não – como uma leitura superficial leva a supor – à liderança e à submissão.

Em primeiro lugar, Paulo coloca o casamento cristão no contexto da submissão mútua. Segundo Payne, a ligação da palavra “submeter-se” (no sentido de “colocar-se sob outro”) com a expressão recíproca “uns aos outros” (grego: ἀλλήλοις, *allelouis*) é um dos ensinamentos socialmente mais revolucionários e linguisticamente mais criativos de Paulo. Na maioria das vezes, a palavra “submeter-se” (grego: ὑποτάσσω, *hypotasso*) significa no Novo Testamento sujeitar-se à autoridade de outro. Mas, ao ligá-la a “uns aos outros”, Paulo torna essa submissão recíproca e com isso desloca seu significado do reconhecimento da autoridade de outro para o colocar-se a serviço dele. Isso corresponde exatamente ao que Paulo escreveu antes aos cristãos de Éfeso: eles devem “suportar-se uns aos outros em amor” (4:2), ser “bondosos e compassivos uns para com os outros” e “perdoar-se uns aos outros” (4:32). A razão que Paulo dá para isso é que nos submetemos uns aos outros “no temor de Cristo” (5:21, ELB). Isso remete ao começo do capítulo, onde se mostra que Cristo se colocou a nosso serviço: “Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós ... como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (5:2).

Complementaristas radicais que defendem a visão 1 discordam disso: tanto Wayne Grudem quanto Kevin DeYoung tentam refutar o sentido recíproco – isto é, que também o marido deve submeter-se à esposa. Eles dizem que “uns aos outros” também pode significar “alguns a outros”. Grudem aponta, por exemplo, para o uso do termo em “as pessoas matarão umas às outras” (Apocalipse 6:4) e diz que isso significa que “alguns homens matarão outros homens”. Mas, se o autor do Apocalipse quisesse dizer apenas que alguns homens matam outros sem serem eles mesmos mortos, nem teria usado a expressão “uns aos outros”. DeYoung aponta para outros textos em que a expressão “uns aos outros”²⁷ é usada e que, na opinião dele, não implicam reciprocidade. Olhando com atenção, porém, eles certamente a implicam, assim como todos os demais usos de “uns aos outros” na carta aos Efésios e em todo o Novo Testamento. As tentativas de Grudem e DeYoung de fazer a submissão “uns aos outros” fluir numa só direção (do subordinado para a pessoa com autoridade) fracassam. Mesmo teólogos complementaristas de destaque, como George Knight e Tom Schreiner, são de outra opinião neste ponto.²⁸

Em segundo lugar: Paulo define que tipo de submissão espera das mulheres. Como já mencionado, há dois tipos de submissão. Por um lado, há a *submissão obediente* de um subordinado a uma autoridade, por exemplo, de um cidadão ao seu governo.²⁹ E há ainda a *submissão servidora*, que, como vimos, é a que Paulo tem em mente quando fala de submissão mútua.³⁰ A primeira é unilateral e pode ser exigida. A segunda pode ser recíproca e é sempre voluntária.

Quando Paulo diz às mulheres que devem submeter-se ao marido, a que tipo de submissão ele se refere? Nossa resposta a essa pergunta depende da tradução em questão. Se abrirmos qualquer Bíblia [alemã], veremos um ponto final no fim do versículo 21, e então começa um parágrafo inteiramente novo. Algumas traduções chegam a inserir um título entre os versículos 21 e 22, como por exemplo “*Marido e mulher na ordem de vida de Deus*” (SLT). Mas essa mudança de parágrafo, ou o título inserido, encobre algo muito importante: *no grego não há ponto final entre o versículo 21 e o versículo 22.*

De fato – e isso me deixou de queixo caído –, nos manuscritos gregos mais antigos que temos, a palavra “submeter-se” nem aparece no versículo 22. A razão é que o versículo 22 toma emprestado o verbo do versículo 21.³¹ O texto grego diz literalmente: “Submetendo-vos uns aos outros no temor de Cristo, as mulheres [repare na palavra que falta] aos próprios maridos ...”. Em outras palavras: *quando Paulo diz aqui às mulheres que devem submeter-se ao marido, ele se refere exatamente ao mesmo tipo de submissão que todos os crentes devem prestar uns aos outros.* Ele não está dizendo aqui que as

mulheres devem estar submetidas ao marido de um modo especial. Antes, ele se refere ao segundo tipo de submissão [a submissão servidora], em que as esposas escolhem servir humildemente ao marido e fazer-lhe o bem. Ele usa a palavra “submeter-se” uma última vez na mesma frase, para então apontar para a submissão da igreja a Cristo. Tendo como pano de fundo o uso da palavra “submeter-se” nos versículos 21 e 22, devemos ler isso assim: “Assim como a igreja *serve humildemente* a Cristo e *vive para agradá-lo* em tudo, assim também as mulheres devem *servir humildemente* ao marido e *viver para agradá-lo* em tudo” (v. 24).³²

Em terceiro lugar, “cabeça” (grego: κεφαλή, *kephalē*) neste caso muito provavelmente não significa *autoridade*, mas *fonte de vida*. No alemão moderno, “Haupt” (cabeça) representa metaforicamente a autoridade – o CEO é o “cabeça” da empresa, o oficial comandante é o “cabeça” da unidade. Além disso, quando imaginamos uma cabeça literal de um corpo literal, nós, pessoas modernas, partimos do princípio de que a cabeça, que contém o cérebro, é o centro de controle do corpo. Por meio do sistema nervoso, ela envia ordens ao corpo.

Precisamos fazer a pergunta: o que Paulo quis dizer ao escolher a palavra *kephalē*, e como seus leitores originais provavelmente a entenderam? Teólogos complementaristas argumentam que Paulo compara Cristo como cabeça ao marido e, com isso, se refere à autoridade do marido. Com isso, porém, não se percebe que Paulo, quando usa a palavra como metáfora, provavelmente nem tem esse significado em mente. Sim, Paulo entendia que Jesus Cristo tem autoridade sobre a igreja e sobre a criação, mas, quando chama Jesus de *kephalē* de um corpo, em geral destaca algo que, embora aparentado com a autoridade, não significa exatamente o mesmo. No apêndice 3, “O que significa *kephalē* (cabeça)”, que vocês deveriam ler sem falta, explico que a palavra, nos tempos de Paulo, ao contrário do que afirma Grudem, normalmente não significava autoridade.

Que significado Paulo dá a essa palavra em Efésios 5? A pista mais importante é que ele a usa como parte de uma analogia com o casamento – e isso como uma criação linguística totalmente nova: *o marido é a cabeça da mulher, que é o seu corpo*. A palavra grega para “cabeça” é usada apenas duas vezes em relação à relação entre homem e mulher (aqui e em 1 Coríntios 11:3). Os linguistas divergem quanto ao significado da palavra nos dois casos. No capítulo 6, fundamento a posição de que em 1 Coríntios ela significa *fonte de vida honrosa*. Só em Efésios 5 a palavra é usada em conexão com a metáfora *cabeça-e-corpo*. Paulo nos dá alguma pista do que quer dizer com “cabeça da mulher, que é o seu corpo”?

Sim, ele dá! A estrutura original da frase grega no versículo 23, que infelizmente se perdeu na maioria das traduções, diz: “Marido é cabeça da esposa, ... Cristo cabeça da igreja, *ele mesmo é salvador do corpo*.” No grego fica evidente o que Paulo quer dizer com “cabeça”. Essas três expressões paralelas deixam claro que Paulo usa “cabeça” como sinônimo de “salvador”. Se Paulo quisesse enfatizar a autoridade do marido, poderia ter usado uma das muitas palavras gregas para isso: *kyrios* (senhor), *exousia* (autoridade) ou *proestōtes* (liderar). Em vez disso, ele escolhe a metáfora *cabeça-corpo* e a compara a Cristo, que se entrega a si mesmo como salvador (neste caso, não como senhor) do seu corpo. Teologicamente, Cristo é tanto Salvador quanto Senhor, mas *Paulo coloca nesta analogia apenas o significado de Cristo como salvador do seu corpo*. Se tivermos dúvidas de que a condição de cabeça do marido significa aqui o seu cuidado e o seu serviço, encontramos a ideia do cuidado e do serviço novamente nos versículos seguintes, ainda que ela fique um pouco encoberta pelo fato de Paulo introduzir mais uma metáfora, a saber, a das núpcias de Cristo com sua noiva, a igreja:

Cristo se entregou a si mesmo por ela [sua noiva/seu corpo], para santificá-la [sua noiva/seu corpo], depois de tê-la [sua noiva/seu corpo] purificado pelo lavar da água na palavra, para apresentá-la [sua noiva/seu corpo] a si mesmo como uma igreja gloriosa, de modo que não tenha mancha nem ruga nem coisa semelhante, mas que seja santa e irrepreensível. Do mesmo modo, os maridos têm o dever de amar suas próprias mulheres como a seus próprios corpos; quem ama sua mulher ama a si mesmo. Pois ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, assim como o Senhor faz com a igreja.

Vocês estão vendo? Em todo este trecho, *Paulo não coloca a ênfase na autoridade, mas no serviço e no cuidado*. Quando diz que o marido é a cabeça da mulher, ele não quer dizer que os maridos devem exercer sua autoridade sobre suas esposas. Ele quer dizer que *os maridos devem servir às suas esposas assim como cada um de nós serve ao próprio corpo*.

Depois de expor, nos versículos 21-30, essa metáfora em três partes (cabeça–corpo; marido–mulher; Cristo–igreja), Paulo acrescenta ainda mais um nível: a unidade de Adão e Eva antes da Queda. Isso complica a imagem que ele desenhou, mas expressa um pensamento maravilhoso: “‘Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne.’ Grande é este mistério; mas eu o refiro a Cristo e à igreja” (v. 31-32). Com sua analogia de que o marido é a cabeça e sua mulher o restante do corpo, Paulo lança um olhar de volta ao primeiríssimo casamento, entre Adão e Eva, quando eles desfrutaram pela primeira vez de uma metafórica “unidade de uma só carne”. Como já vimos no capítulo 4, essa união não tratava de autoridade e submissão, mas de intimidade e parceria alegres. *Com a metáfora cabeça-corpo, portanto, Paulo não enfatiza em Efésios 5 uma cadeia de comando, mas um laço de amor*.

Quero acrescentar ainda uma última constatação, que resulta da leitura de Efésios 5 segundo a qual Deus chama o marido a servir à esposa (e não a liderá-la): *neste trecho não há uma única instrução ao marido para liderar a esposa – nem aqui nem em nenhum outro lugar de todas as Sagradas Escrituras!* Leiam essa frase mais uma vez, se quiserem. Isso muda fundamentalmente a interpretação.

Tudo isso nos leva à conclusão significativa de que Efésios 5 talvez *nem trate* da autoridade do marido sobre a esposa que se submete a ele. Antes, por meio de metáforas vívidas, Paulo enfatiza que marido e mulher devem unir-se em amor, servir um ao outro e fazer o bem um ao outro.

Isso significa que Paulo exorta maridos e esposas a tratar-se mutuamente exatamente da mesma maneira?

Sim e não. Sim, porque ambos são chamados a “submeter-se uns aos outros”. E, embora aqui só se diga aos maridos que “amem” suas esposas, ambos devem amar um ao outro – em outro lugar Paulo exorta expressamente as mulheres a “amarem seus maridos”.³³ Mas também não, porque Paulo talvez tenha em mente os padrões que observou em tantos casamentos nas igrejas do mundo greco-romano. Observe-se, por exemplo, que o marido é descrito como *kephalē*, ou fonte de vida, e não exortado a ser uma. Paulo provavelmente se refere ao fato de que, na Antiguidade, as esposas geralmente eram mais jovens e menos instruídas. Estavam ocupadas com a criação dos filhos e, por isso, totalmente dependentes do sustento econômico e material proporcionado pelos maridos. Chamar uma esposa dependente de *kephalē* não teria feito sentido.

Além disso: se os maridos nos tempos de Paulo eram mais ou menos como muitos maridos que conheço hoje, então eles estavam (em média) menos dispostos do que suas esposas a sacrificar a vida pelo cônjuge.³⁴ Por essa razão, Paulo considera suficiente dizer às mulheres que se submetam ao

marido, isto é, que o sirvam humildemente e lhe façam o bem. Depois ele se põe a abalar o egoísmo dos homens, dizendo-lhes três vezes mais e insistindo para que façam sacrifícios como Cristo. Isso certamente se aplica a mim: no meu casamento, não é Julie, mas sou eu quem mais precisa ser incentivado pela Escritura e pela ação contínua do Espírito Santo a servir ao meu cônjuge de forma abnegada e humilde e a fazer-lhe o bem. Suspeito que meu amigo Andrew Bartlett tem razão em sua conclusão: “Paulo exorta o marido a tomar a frente na entrega de si mesmo. Isso não difere fundamentalmente do compromisso cristão da esposa de amar o marido de forma altruísta, mas intensifica a responsabilidade do homem de amar.”³⁵

No versículo 33, Paulo exorta expressamente os homens a “amar” suas esposas (não a liderá-las), e admoesta especialmente as mulheres a “respeitar” seus maridos (não a submeter-se a eles). Por que ele exorta as mulheres a respeitar os maridos e os maridos a amar as esposas? É verdade que, naquele tempo como hoje, a maioria das mulheres também queria ser respeitada e a maioria dos maridos desejava amor, mas Paulo provavelmente sabia algo sobre as diferentes psiques de muitos homens e mulheres de seu tempo.

Enquanto descrevo a visão 3, isto é, o marido como servo de sua contraparte em igualdade, sinto a força dessa visão. Para ser honesto, espero que essa seja a interpretação correta, pois a considero muito inspiradora e desafiadora. Em contraste com a visão de Grudem, segundo a qual o marido é quem toma as decisões diárias (que considero ruim), e com a visão dos Keller, segundo a qual o marido dá o voto decisivo em situações raras (que considero melhor, mas ainda problemática e, além disso, incoerente), considero esta visão boa e extremamente praticável.

Mas e se Paulo, neste trecho, quisesse de fato sugerir que as esposas em Éfeso deviam reconhecer em seus maridos algum tipo de autoridade, ainda que ele contrabalance isso com o chamado aos maridos ao sacrifício amoroso? Afinal, pelo menos a comparação do casamento com o casamento divino, no qual há definitivamente uma diferença de posição entre Deus/Jesus e nós, faz pensar numa hierarquia na relação conjugal. Decidido a entender este trecho corretamente, continuei refletindo sobre ele. Perguntei-me se eu tinha aplicado a essa tarefa todos os princípios importantes da interpretação bíblica – e então constatei que não.

Visão 4: O marido como *paterfamilias* redimido

Como já mencionado, um dos erros mais frequentes que cometemos em nosso esforço para entender e aplicar as Sagradas Escrituras consiste em imaginar que suas diferentes partes foram dirigidas diretamente a nós. Mas não foi assim: *elas podem ter sido escritas para nós, mas não foram dirigidas a nós*. Só quando entendemos a situação dos leitores originais e sabemos o que eles entendiam pelas palavras é que nós, que vivemos numa situação ou cultura totalmente diferente, podemos começar a extrair do texto um significado para nós mesmos. Em muitos textos, se não na maioria, nossa situação atual é comparável à dos primeiros leitores, o que facilita essa tarefa. Mas e se a situação deles for muito diferente da nossa?

O cristão de hoje está separado do público bíblico por um “rio” de diferenças (por exemplo, de língua, cultura, circunstâncias de vida). Esse rio nos impede de passar diretamente do significado no contexto deles para o significado em nosso próprio contexto. Certamente fazemos parte da mesma grande história, mas nosso lugar nessa história muitas vezes difere do lugar de nossos antepassados espirituais. Às vezes o rio é largo e é preciso uma ponte longa para atravessá-lo. Às vezes é um riacho

estreito, que atravessamos facilmente. Precisamos saber quão largo é o rio antes de tentar construir uma ponte sobre ele para tornar aplicáveis a nós os princípios contidos no texto.³⁶

Quando apliquei essa chave de interpretação ao estudo da carta aos Efésios, capítulo 5, reconheci meu erro e o erro de quase todos cujas contribuições sobre esse texto eu tinha lido: partimos do princípio de que Efésios 5 é um riacho estreito, que podemos atravessar facilmente, quando na verdade se trata de um rio largo, cuja travessia exige uma ponte longa.

Vou explicar. Partimos do princípio de que os casais da igreja de Éfeso eram mais ou menos parecidos com os casais modernos. Imaginamos que Paulo “nos vê”, a nós e aos nossos casamentos de hoje, e por isso escreve esta carta para nós. Na verdade, porém, ele se refere a casamentos no mundo greco-romano do primeiro século, que diferem claramente dos nossos. Naquele mundo, os lares não eram formados por pai e mãe que trabalham fora, dois filhos, um cachorro e um gato. Em geral, um lar consistia num homem, o *paterfamilias*, que governava sua mulher, seus filhos e às vezes também seus escravos. Segundo o ensino de Aristóteles, os lares eram organizados hierarquicamente – naquela cultura, essa era a melhor maneira de conduzir um lar. (Só quando não havia um homem adulto a mulher se tornava a governante do lar.) Digo de propósito “governante”: Aristóteles dizia: “O governo de um lar é uma monarquia”³⁷ – o marido e pai era o rei.

Quando mencionei filhos e escravos no parágrafo anterior, talvez vocês tenham percebido algo, assim como eu. A relação marido–mulher em Efésios 5:22-33 é o primeiro de três pares de relação que Paulo aborda. Os dois seguintes vêm logo em seguida: pais–filhos (6:1-4) e senhores–escravos (6:5-9). O que eu não tinha percebido antes era que *Paulo aplica o evangelho a esses lares antigos de várias camadas*, que consistiam numa hierarquia de homens, mulheres, filhos e escravos. Os maridos tinham direitos, privilégios e liberdades negados às suas esposas.³⁸ Eles tinham o poder e garantiam a maior parte da renda. Na maioria dos casos, as mulheres não podiam, sem um homem que agisse em nome delas, possuir bens nem fazer negócios nem realizar transações jurídicas ou financeiras.

Na sociedade mediterrânea, a idade média de casamento dos homens era de trinta anos; a das mulheres, por outro lado, de dezoito anos ou menos. Quando um homem se casava, em geral já era um homem vivido, que sabia como se vive em sociedade. Era uma pessoa com capacidade de agir social e economicamente. A mulher, ao contrário, ainda era uma menina, que nem sequer tinha permissão de ir até a porta da casa quando alguém batia. Uma mulher típica, durante seus anos férteis, tinha um filho mais ou menos a cada dois anos ou a cada trinta meses. Ela estava sempre “descalça e grávida” e em casa. Assim que o filho anterior era desmamado, ela engravidava de novo.³⁹

A maioria das mulheres não recebia nenhuma formação a não ser nos deveres domésticos. Durante toda a vida eram totalmente dependentes e estavam *sob o domínio* de um homem – de seu pai ou talvez de seu tutor, mais tarde de seu marido. A submissão era a norma para filhos, escravos e esposas. Nesse contexto e nessa cultura, o *paterfamilias* devia exercer o domínio, e não servir humildemente a quem quer que fosse, muito menos a seus próprios subordinados, que, ao contrário, tinham de servir ao *paterfamilias*. Era assim também que Aristóteles via as coisas: “O homem é por natureza mais apto para mandar do que a mulher ... Essa desigualdade é permanente ... A coragem de um homem se mostra no mandar; a de uma mulher, no obedecer.”⁴⁰

Observe-se o seguinte: Paulo não cria uma estrutura doméstica na qual o homem mais velho domina sobre todos os outros, assim como não prevê uma estrutura de governo na qual César é o governante do Império Romano. Ele apenas aborda essas condições e *se esforça por operar dentro das estruturas*

sociais existentes, encontrando maneiras de melhorá-las sem querer derrubá-las de imediato. Como todo bom missionário que hoje entra numa nova cultura, Paulo se adaptava onde podia, mesmo que não considerasse isso necessariamente ideal.

O evangelho encontra o lar antigo

Se vocês estivessem no lugar de Paulo, como teriam aconselhado esses lares estruturados hierarquicamente em sua igreja? Vejamos as três estratégias que Paulo aplica ao aconselhar os lares efésios em seu contexto de então.

Primeiro: Paulo coloca todas as relações dentro do lar sob o sinal do evangelho. Ele orienta esposas e maridos a se relacionarem “no temor de Cristo” e insere cada instrução em formulações que se referem a Cristo: “como ao Senhor”, “como também Cristo”, “Cristo”, “assim como também Cristo” e “mas eu o refiro a Cristo”. Ele segue a mesma abordagem para levar pais e filhos, bem como senhores e escravos, a repensar suas relações uns com os outros. Parece que uma palavra sim, outra não, é “Cristo” ou “Senhor”. Paulo procura, com habilidade, ajudar todos – esposas e maridos, filhos e pais, escravos e senhores – a ver sua maneira de se relacionar com os outros como expressão da sua relação com Cristo.

Segundo: Paulo denuncia expressamente o comportamento egoísta e dominador dos *paterfamilias*. Nos antigos códigos de leis que fixavam os papéis dentro do lar, dizia-se aos *paterfamilias* que deviam dominar, e a todos os outros, que deviam submeter-se. O foco dessas leis estava em geral nos subordinados, que tinham de controlar seu comportamento. O “código” aperfeiçoado por Paulo, porém, faz algo inédito: ele dedica sua maior atenção, em cada uma dessas relações, aos maridos/pais/senhores (nos três casos está envolvido o mesmo homem!), para que mudem o comportamento *deles*. Partindo do pressuposto de que o *paterfamilias*, por causa das condições culturais, de qualquer forma domina, ele o exorta agora a entregar a vida por sua mulher, a não irritar seus filhos e a não ameaçar seus escravos. Naquela época, essa foi certamente uma exortação absolutamente revolucionária. Numa cultura em que os maridos tinham poder de vida e morte sobre suas esposas, Paulo exorta os maridos a abrir mão de seu poder e, se necessário, até a morrer, para que suas esposas fiquem bem.

Terceiro: Paulo emprega o evangelho para atenuar e reordenar a submissão da mulher, dos filhos e dos escravos ao *paterfamilias*. Sem convocá-los à revolta, ele sugere que tipo de submissão o evangelho pode produzir *na situação deles*. Para a esposa, isso significa, como vimos, que ela não deve submeter-se de má vontade à autoridade do marido, mas servi-lo e agradá-lo humildemente, assim como também quer servir e agradar humildemente a Cristo.

O ensino de Paulo fez milagres.

Ao repreender duramente o *paterfamilias* e depois se voltar com amor para os mais fracos de uma sociedade patriarcal – as esposas, os filhos e os escravos –, Paulo fez com que a igreja primitiva atraísse os sem-poder em multidões. O crítico pagão Celso zombava da igreja no segundo século com as palavras: “O cristianismo é uma religião para mulheres, crianças e escravos.”⁴¹

A abordagem de Paulo quanto às relações dentro do lar era algo totalmente novo para a cultura da época. *Ele não abole a antiga hierarquia, mas também não quer mantê-la como ideal divino.* Antes, ele a mina de tal modo que não só toda a sua estrutura é inserida no evangelho, mas que ela por fim se dissolve nele, como aconteceu também em nosso tempo.

Naquela época, na Antiguidade, porém, nenhum pagão que visitasse um lar cristão teria pensado que Paulo quisesse minar o direito romano ou introduzir simples estruturas domésticas igualitárias. O que lhe teria chamado a atenção no *paterfamilias* redimido seria, em primeiro lugar, a maneira incomum como ele cuidava com amor das pessoas que dirigia e se sacrificava por elas e, em segundo lugar, a alegria de sua esposa, de seus filhos e de seus escravos.

Diferentemente da visão 3, que parte do princípio de que Paulo ensina um igualitarismo irrestrito, esta visão parte do princípio de que Paulo, ao chamar o marido de cabeça da esposa, reconhece as normas culturais segundo as quais o marido tem autoridade sobre a esposa. Quando, além disso, ele compara a relação entre marido e esposa com a relação entre Cristo e a igreja, isso pode muito bem significar que ele alude ao fato de que um é “responsável” pela outra. Mas, *mesmo partindo do princípio de que o paterfamilias carrega a responsabilidade, ele de modo algum prescreve isso como uma espécie de “papel” ou status que o marido deveria ocupar em relação à esposa em todos os tempos e em todas as culturas*. Pelo contrário: longe de apresentar o poder cultural do homem sobre a mulher como ideal, ele se esforça por desarmá-lo por meio do evangelho.

O argumento de John Piper refutado

Alguns complementaristas apresentam o contra-argumento de que Paulo, se partirmos do princípio de que ele reconhece a autoridade do marido e a relaciona com a relação de Cristo com a igreja, de fato declara a liderança–submissão de marido e esposa como ideal e, com isso, a perpetua. Piper diz (e escreveu um livro sobre isso) que o casamento cristão redimido e, ao mesmo tempo, hierárquico mostra o evangelho ao mundo. Ele escreve: “A liderança amorosa do marido sobre sua esposa dócil e dependente é uma imagem de Cristo e da igreja. Se o marido perde seu papel de liderança, isso deixa de ser assim.”⁴²

Sua argumentação é falha em três aspectos. Primeiro: Paulo diz algo semelhante sobre a escravidão no lar, quando diz aos escravos que obedeçam a seus senhores assim como obedecem a Cristo, que é o Senhor deles. Segundo a argumentação de Piper, Deus teria criado a relação senhor–escravo para mostrar ao mundo a “beleza” da nossa sujeição a Jesus, nosso Senhor. Não! Nos dois casos, Paulo aplica o evangelho a uma situação real, mas não necessariamente ideal.

Segundo: não é a hierarquia num casamento, mas a redenção de tal casamento que ilustra o evangelho. O que Paulo enfatiza neste trecho não é a hierarquia, mas o serviço do marido à sua esposa, que se sujeita a ele em submissão mútua e com quem ele cultiva uma relação íntima. Isso certamente pode ser expresso melhor num casamento baseado na reciprocidade do que num casamento hierárquico. Como exposto na visão 3, Paulo precisa o seu uso da palavra *kephalē* destacando Jesus como Salvador e sustentador da igreja, e não como seu Senhor.

Terceiro: nenhum casamento hierárquico pode jamais ser hierárquico o bastante, se partirmos do princípio de que Deus quer, por meio dos casamentos, tornar clara ao mundo a soberania de Jesus sobre sua igreja. Jesus é o Senhor de sua igreja, mas um marido certamente não é o senhor de sua esposa.

Apesar das fraquezas na argumentação de Piper, *concordo com ele que o casamento cristão deve refletir algo do evangelho*. Um casamento cristão pode, tão bem quanto qualquer comunidade cristã, mostrar ao mundo que somos discípulos de Jesus, amando-nos uns aos outros de forma abnegada, assim como ele nos amou. Casamentos baseados na reciprocidade podem fazer isso tão bem quanto, se não melhor do que, casamentos estruturados hierarquicamente. Um casamento cristão pode

refletir bem ainda outra coisa: a ligação duradoura e íntima que temos com Cristo. A analogia de cabeça e corpo usada por Paulo, que ele chama de “uma só carne”, aponta para uma relação de aliança profunda e amorosa e para uma ligação viva e orgânica. Enquanto a ideia de um líder se separar de seus subordinados é menos estranha, a ideia de uma cabeça ser separada de seu corpo é profundamente assustadora.

Onde erramos em Efésios 5

Em seu livro de 800 páginas, Grudem argumenta veementemente a favor da submissão da mulher no casamento sem jamais mencionar a enorme diferença entre os casamentos do primeiro século e os casamentos de hoje.⁴³ O mesmo vale para os Keller: em seu estudo detalhado sobre Efésios 5, não dedicam nenhuma atenção a esse aspecto nem abordam a situação do casamento naquela época. Nem uma única vez. Isso é um erro: tratam um rio largo como um riacho estreito.

Paulo não está interessado em tornar imortal a estrutura doméstica antiga. Antes, ele aplica o evangelho a uma situação cultural singular, muito diferente da nossa. Paulo não se dirigia ao meu mundo, no qual a maioria das mulheres adultas é tão instruída quanto os homens, controla sua fertilidade, é financeiramente independente e não há nenhuma necessidade social de que um homem esteja acima delas. Tudo isso possibilita outro tipo de casamento.

A próxima pergunta é: agora que estamos conscientes de que entre a situação deles e a nossa há um rio muito largo, como podemos construir uma “ponte” sobre ele para tornar aplicáveis a nós os princípios contidos no texto? Ou, perguntando de outra forma: o que Paulo teria dito aos casamentos de hoje em nossa sociedade, que já não são rigidamente hierárquicos, mas igualitários? Proponho o seguinte:

Ele nos diria que devemos colocar Cristo no centro do nosso casamento. Nossa maneira de nos “vermos” um ao outro, de lidarmos um com o outro, de trabalharmos juntos e de nos respeitarmos deveria ser marcada pela nossa relação prioritária com Cristo. Deveríamos submeter-nos uns aos outros, deixar de lado nossa independência e nosso egoísmo e buscar uma relação íntima de “uma só carne”, como a que foi vivida no jardim do Éden antes da Queda. Se partirmos do princípio de que os homens, em média, são mais independentes e por isso mais centrados em si mesmos do que as mulheres, que, em média, são mais orientadas para os relacionamentos e por isso mais voltadas para os outros do que os homens, então maridos como eu deveriam, em todo caso, meditar especialmente no amor abnegado de Cristo pela igreja, que leva ao radiante florescimento de sua noiva.

Agora que tomei consciência da clara diferença entre o contexto de então e o nosso contexto de hoje, simplesmente não consigo imaginar que Paulo diria a um casal moderno médio, em que marido e mulher têm idades mais próximas, ambos têm formação igualmente boa, talvez ambos trabalhem e estejam envolvidos na educação dos filhos: “Muito bem por vocês viverem uma parceria. Continuem assim! Mas quero insistir em que o marido assuma o papel de liderança e a mulher esteja submetida a ele.” Como ele poderia fazer isso, se ensina que o ideal da criação para o casamento é uma unidade de uma só carne, uma verdadeira parceria no pleno sentido da palavra, como no casamento original de Adão e Eva?

Essa não é apenas a minha opinião. É uma visão amplamente difundida, e até mesmo a visão cristã majoritária: em sua carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, obrigatória para todos os católicos, o papa João Paulo II diz que a autoridade do marido sobre a esposa reflete algo que é “antigo”; a carta fala de uma mentalidade “profundamente enraizada nos costumes e na tradição religiosa da época”. “Nova” e

“uma novidade do evangelho”, ao contrário, é que “a submissão não é unilateral, mas recíproca”.⁴⁴ Se uma das denominações dogmáticamente mais inflexíveis consegue fazer essa correção em sua doutrina, nós, os outros, deveríamos tomar conhecimento disso.

Naturalmente ainda há no mundo culturas em que os homens mandam. Para elas, o ensino de Paulo parece feito sob medida. Em sociedades patriarcais, os maridos em geral têm muito mais poder social, intelectual, político e financeiro do que as mulheres. Ora, o homem deveria usar esse poder de forma altruísta para o bem de sua esposa, assim como Cristo usa seu poder superior para o bem da igreja. Mas, se milhares de maridos em culturas patriarcais fizerem isso por tempo suficiente, as mulheres e esposas vão ampliar seu próprio poder social e intelectual e estarão mais bem preparadas para ser parceiras em igualdade de seus maridos. Foi exatamente aí que minhas pesquisas me levaram. A aplicação da visão 4 – o *paterfamilias* redimido – a culturas em que os casamentos são estruturados de forma rigidamente hierárquica levará, por fim, a que essas culturas se transformem e promovam um casamento segundo a visão 3, como já aconteceu em países marcados há muito tempo pelo cristianismo.

Se tivéssemos ampliado nossos estudos dos textos bíblicos sobre o casamento, tal como se encontram no Antigo e no Novo Testamento, a preferência de Deus por um casamento baseado na reciprocidade teria ficado evidente desde o início.

Esposas que conduzem seus maridos

Considerando que todos os casamentos mencionados no Antigo Testamento foram celebrados num ambiente patriarcal, pode-se supor que a pressuposição cultural era a de que as esposas estavam subordinadas aos maridos. Por isso é notável que – à parte a predição de Deus de que “Adão dominará sobre Eva” – *não há, nem nas leis mosaicas nem nas palavras dos profetas, nenhum mandamento que exorte as esposas à submissão aos maridos.*

Observando os pequenos instantâneos que temos da dinâmica de poder dos casais no Antigo Testamento, constata-se repetidamente que as esposas conduzem seus maridos. Em muitas encruzilhadas da minha vida pedi sabedoria a Deus e voltei meu ouvido para o céu, para ouvir o que ele me diria. Muitas vezes eu o ouvi dizer-me o que um dia disse a Abraão: “Atende a [tua mulher] em tudo o que ela te disser!”⁴⁵ Que conselho excelente! Sei do que estou falando: *as esposas muitíssimas vezes ouvem Deus primeiro.*

Não foi exatamente isso que aconteceu com a mãe de Sansão? Numa cultura em que era impróprio um homem dirigir-se diretamente a uma mulher, um anjo assume a forma de um homem e anuncia a uma mulher estéril que ela terá um filho ungido pelo Espírito. Mais tarde, a mulher chama o marido: “Então a mulher correu depressa e o contou a seu marido, dizendo-lhe: Eis que me apareceu aquele homem que veio a mim naquele dia!” Prestem muita atenção às próximas palavras: “[Ele] se levantou e seguiu a sua mulher.” Talvez não muito contente com o fato de um estranho infringir as normas patriarcais, ele pergunta: “És tu o homem que falou a minha mulher?”⁴⁶ Essa história aponta, além disso, para um nascimento ainda mais significativo. Mais de um milênio depois, um anjo vem primeiro a Maria para lhe anunciar a mesma mensagem.⁴⁷ Só depois ele informa o marido dela.⁴⁸ Nos dois cenários, a mulher fica sabendo primeiro por Deus o que vai acontecer, enquanto o homem só depois é atualizado – a saber, para o nível de conhecimento de sua mulher. Se houvesse algo como uma “ordem da criação” (o que não é o caso), Deus parece não se ater a ela.

Depois há ainda a mulher de Suném, que toma a iniciativa e acolhe o profeta Eliseu em sua casa. Ela diz ao marido: “Vê, eu reconheço que este que sempre passa por nós é um santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto de alvenaria em cima e ponhamos ali para ele uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro, para que, quando vier a nós, se recolha ali!”⁴⁹ Mais uma vez o marido obedece imediatamente à esposa e confia instintivamente no discernimento espiritual dela nesse assunto.

Cabe uma breve observação: apesar da interpretação amplamente difundida de que “o marido é a *kephalē* da esposa”, o que equivale a “o marido deve ser o cabeça espiritual da família”, infelizmente tenho de lhes comunicar que essa ideia não tem fundamento bíblico. Talvez vocês devessem jogar fora as anotações em que está escrito que o homem (não a mulher) deve conduzir a oração, convidar para o culto doméstico ou decidir a que igreja o casal ou a família vai. Sem querer diminuir a iniciativa decisiva de um marido ou pai para o bem-estar espiritual de sua família, é melhor, ainda assim, que *ambos*, tanto o marido quanto a esposa, façam tudo o que estiver ao seu alcance – como equipe e como indivíduos – para buscar a Deus, escolher uma igreja e tornar-se membros dela e procurar o crescimento espiritual dos demais membros da família. Em resposta ao ensino de que o marido deveria ser o pastor do restante da família, recomendo que marido e esposa formem juntos a equipe pastoral de liderança da família.

Outra mulher que parece opor-se às normas patriarcais, embora viva numa cultura marcada pelos homens, é Abigail. Seu marido muito rico, Nabal, é “duro e maligno em todo o seu trato”.⁵⁰ Quando Davi e sua milícia, fugitivos e famintos, pedem a Nabal algo para comer, este zomba deles sem nenhuma sensibilidade e recusa o pedido. Davi, profundamente ofendido e furioso, faz planos para matar Nabal e todos os homens de sua propriedade – reconheçamos, não uma reação especialmente cristã.

Abigail impede o derramamento de sangue desobedecendo ao marido e não lhe repassando a notícia sobre as intenções assassinas de Davi. Ela carrega alimentos em seu jumento, vai até Davi e lida habilmente com o ego ferido dele, dizendo: “Não se importe o meu senhor com este homem de Belial, a saber, com Nabal; porque o que significa o seu nome ele é. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele.”⁵¹ Mesmo enquanto enfatiza que pessoa terrível é o marido dela, ela apela ao lado melhor de Davi e lhe implora misericórdia. Davi então decide depor as armas.

Quando Abigail volta para casa e conta a Nabal que ela anulou a ordem dele e que Davi lhe poupou a vida, o coração dele falha, e ele morre dez dias depois. Quando Davi manda alguns homens buscá-la para ser sua terceira esposa, ela se inclina e diz: “Eis aqui a tua serva, para servir e lavar os pés dos servos do meu senhor!”

É mesmo uma história maluca, mas observe-se que nada nela indica que Deus aprove que ela chame tanto Nabal quanto Davi de seu “senhor”. Embora os dois homens aceitem esse título sem hesitar, fica claro que se trata aqui de uma mulher que aprendeu a *sobreviver* no patriarcado adaptando-se. Às vezes isso significa até opor-se à “autoridade masculina” – algo que nesta passagem é destacado de forma elogiosa. Se há alguma coisa aqui, é o exemplo de uma mulher que, numa outra cultura, mais justa, provavelmente teria sido uma líder bem-sucedida. Davi fica impressionado não só com a beleza dela, mas também com sua capacidade estratégica e sua diplomacia cativante, com as quais ela impede prontamente um derramamento de sangue desnecessário.

Conclusão: as histórias do Antigo Testamento não sustentam a ideia de que a autoridade do marido sobre a esposa seja a norma desejada por Deus.

O casamento mutualista de 1 Coríntios 7

O Cântico dos Cânticos de Salomão é o trecho mais longo das Sagradas Escrituras que trata da dinâmica interna de uma união amorosa, romântica e sexual entre duas pessoas. Nele não há absolutamente nenhum indício de uma relação de autoridade–submissão entre marido e mulher. No romance e no sexo, ambos tomam a iniciativa, ambos se entregam, ambos dão e ambos recebem. Esse livro poético não só lembra o prazer desnudo que Adão e Eva tinham um com o outro como iguais antes da Queda; ele tem também um paralelo no Novo Testamento.

1 Coríntios 7 é, de longe, o trecho mais longo das cartas de Paulo que trata do casamento. Mas, em suas orientações sobre sexualidade, ministério e separação no casamento cristão, Paulo não dá o menor indício de que um casamento cristão possa ser outra coisa senão uma parceria amorosa entre iguais, baseada na reciprocidade. De fato, este é o único capítulo da Bíblia que trata expressamente da questão da autoridade no casamento. E essa autoridade, aliás, cabe tanto à mulher quanto ao homem.

Quero destacar algumas citações⁵² que enfatizam o amor mútuo e a autoridade recíproca que Deus previu para os nossos casamentos:

[C]ada homem [deve] ter sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido. (v. 2).

O marido dê à mulher o afeto que lhe deve, e da mesma forma também a mulher ao marido. (v. 3).

A mulher não dispõe do próprio corpo, mas sim o marido; e da mesma forma também o marido não dispõe do próprio corpo, mas sim a mulher. (v. 4).

Não vos priveis um do outro, a não ser por mútuo acordo, por algum tempo (v. 5).

A mulher não deve separar-se do marido. ... E o marido não deve divorciar-se da mulher (v. 10-11).

Se um irmão tem mulher descrente, e ela consente em morar com ele, não a deixe; e a mulher que tem marido descrente, e ele consente em morar com ela, não o deixe (v. 12-13).

[O] marido descrente é santificado pela mulher, e a mulher descrente é santificada pelo marido (v. 14).

Mas, se o descrente quiser divorciar-se, que se divorcie! Em tais casos, o irmão ou a irmã não estão sujeitos à servidão (v. 15).

Pois como sabes tu, mulher, se salvarás teu marido? Ou como sabes tu, marido, se salvarás tua mulher? (v. 16).

Mas, se te casares [um homem], não pecas; e, se a virgem se casar, não peca (v. 28).

O solteiro cuida das coisas do Senhor ... A solteira cuida das coisas do Senhor (v. 32, 34b).

[O] casado, porém, cuida das coisas do mundo ... a casada, porém, cuida das coisas do mundo (v. 33-34a).

O que aprendemos em 1 Coríntios 7 sobre o plano de Deus para o casamento? “As respostas de Paulo ... devem ter parecido extraordinárias aos leitores do primeiro século”, diz Richard Hays. “Os cônjuges não estão numa relação hierárquica um com o outro, nem são unidades autônomas que fazem, cada

uma, o que lhes agrada. Em vez disso, o casamento é uma relação de submissão mútua, na qual cada parceiro pertence ao outro.”⁵³

Quando comecei a aconselhar pessoas sobre como escolher um cônjuge, eu recomendava deixar a decisão para *Deus*. Então, um dia, lendo 1 Coríntios 7, percebi que tinha acabado de ler o único ensino claro sobre esse tema no Novo Testamento: “Ela [está] livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor!” (v. 39). A lição? Precisamos escolher, e com sensatez. Pois bem, ao reler agora 1 Coríntios 7, tive uma experiência semelhante de “eureca”: o único versículo em todo o Novo Testamento que fala de como os casais devem tomar decisões importantes – por exemplo, quando devem ter relações sexuais ou buscar a Deus juntos – diz: “Não vos priveis um do outro, a não ser *por mútuo acordo*” (v. 5). A lição? *Se um casal tem o cuidado de decidir em conjunto, como parceiros em igualdade, o marido não precisa dar ordens nem dar o voto decisivo.*

Conclusão: 1 Coríntios 7 é o único capítulo que fala expressamente da autoridade do marido sobre a esposa – *mas fala também da autoridade da esposa sobre o marido*. Nos casamentos, ele promove a igualdade entre os sexos, bem como a submissão mútua e o consenso como base para as decisões.

Diante da unidade das Sagradas Escrituras, autorizada pelo Espírito Santo, 1 Coríntios 7 pode e deve determinar nossa interpretação de Efésios 5. Por isso é estranho que a maioria dos autores complementaristas renomados ou mencione 1 Coríntios 7 apenas de passagem, deixando de lado sua real contradição com a interpretação deles⁵⁴, ou – o que é mais frequente – simplesmente ignore o texto.⁵⁵

Então, qual visão vale?

Para concluir este capítulo sobre a interpretação de Efésios 5, quero examinar a pergunta sobre qual das quatro visões deveria ter prioridade em nossos casamentos e igrejas.

Defendo que rejeitemos a visão 1 (o marido como quem toma as decisões) e a chamemos pelo que ela é: uma teologia repressiva.

A visão 2 (o marido com o voto decisivo) serviu durante muitos anos como estação intermediária no casamento de Julie e no meu, e sou grato por isso. Uma análise dos problemas ligados a ela, a superioridade exegética das visões 3 e 4 e uma leitura mais abrangente da Bíblia sobre o tema do casamento significam, porém, que provavelmente deveríamos abandonar também essa visão.

Então, por qual das duas visões restantes nos decidimos?

Talvez nem precisemos nos decidir.

A visão 3 (o marido como servo de sua parceira em igualdade) defende um casamento baseado na reciprocidade, enquanto a visão 4 (o marido como *paterfamilias* redimido) não levanta objeções contra tal casamento, mas oferece orientações para casamentos e igrejas em culturas ainda fortemente marcadas pelo patriarcado.

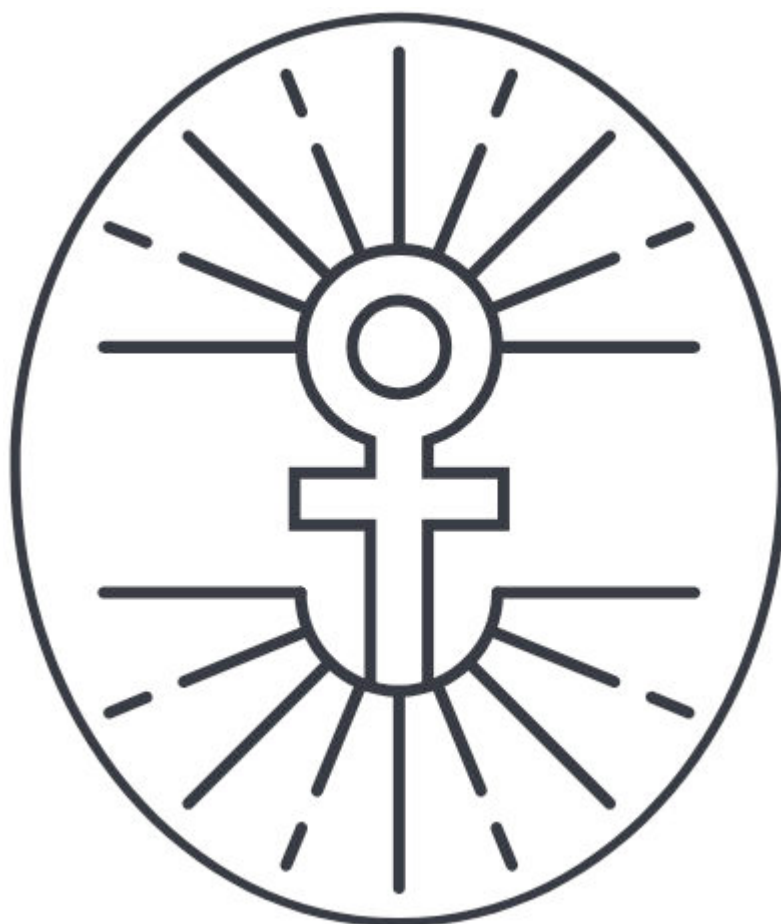
Em outras palavras: a visão 4 talvez nos ajude melhor a *entender* a passagem do modo como provavelmente os leitores originais a entenderam. Mas a visão 3 é, especialmente para aqueles de nós que vivem em culturas mais igualitárias, a maneira correta de *aplicar* Efésios 5.

O sábio conselho de Deus para um casal é, portanto, que reconheçam sua ligação de “uma só carne”, tal como ela se expressa na relação de amor no jardim do Éden. Além disso, deveriam fortalecer essa

unidade por meio de completa entrega mútua e disposição para servir, bem como – nas decisões – por meio de ponderação e consentimento de ambas as partes. Nesse caminho, duas comparações podem nos inspirar: o amor abnegado de Cristo por sua igreja e o cuidado de cada um com o próprio corpo.

Como lidamos com as dúvidas que restam quanto ao propósito de Deus de uma verdadeira igualdade entre os sexos? A seguir trataremos da razão talvez mais importante para abandonar os modos de pensar patriarcais no casamento (bem como na igreja e na sociedade).

9



O Deus que se adapta

“Será que [nós, maridos,] vamos tentar nos agarrar a uma autoridade sobre nossas esposas que outrora nos foi conferida pela cultura ao nosso redor, mas que hoje, em grande parte, já não temos? Ou vamos renunciar de bom grado ao poder e à pretensão de tê-lo, tratar nossas esposas como iguais e, em troca, colher um relacionamento conjugal mais íntimo?”

Peter Davids⁵⁶

A Fundação Gates financiou recentemente um amplo estudo internacional que constatou que as mulheres estão fortemente sub-representadas na mídia. “Por exemplo, as mulheres foram citadas em apenas 29% das notícias on-line analisadas no Reino Unido em 2019. Na Índia, foram apenas 14%.”⁵⁷ Apesar de todos os maravilhosos avanços alcançados na melhoria da posição da mulher na sociedade, ainda estamos muito menos inclinados a “ver” e “ouvir” as mulheres do que os homens.

Quanto mais as condições sociais de milênios anteriores, quando o patriarcado era incontestado, não terão impedido as mulheres de ascender a cargos públicos? O arqueólogo Ian Morris explica por que há tão poucos indícios de que as mulheres sequer existiam na Atenas antiga: “Mulheres e escravos permanecem invisíveis”, por causa da “onipresente cultura cívica masculina”, na qual os homens “não apenas oprimiam as mulheres, mas também controlavam os espaços em que as mulheres viviam”, tornando-as praticamente invisíveis na cultura da época, assim como nos achados arqueológicos de hoje.⁵⁸

No mundo greco-romano mais amplo, para o qual a jovem igreja se expandiu, a situação das mulheres não era muito melhor. Salvo algumas raras exceções,⁵⁹ mulheres respeitáveis não buscavam funções públicas de liderança. Encontravam sua honra no trabalho doméstico e na criação dos filhos. Nas peças de teatro gregas, as personagens femininas mais comuns eram escravas e prostitutas, pois essas peças contavam “histórias da vida real”. Esperava-se que as mulheres respeitadas da cidade e as moças solteiras ficassem em casa e não se mostrassem em público. Não é de admirar, portanto, que houvesse poucas mulheres que assumissem um “papel de liderança”. Afinal, uma pessoa precisa receber certa formação e aparecer em público para desempenhar um papel na vida pública e provar que possui qualidades de liderança. Como as mulheres viviam escondidas, poucas mulheres com o dom do ensino e da liderança dado por Deus tiveram alguma vez a chance de que esses dons fossem reconhecidos, desenvolvidos e exercidos em público.⁶⁰

Por que as esposas dos líderes masculinos são tão raramente mencionadas no Novo Testamento? A ênfase moderna na igualdade, na parceria e no status comum dos casais cristãos praticamente não existia nos primórdios da igreja cristã, quando – mesmo na igreja – as tarefas domésticas e a criação dos filhos eram atribuídas às esposas.

Da mesma forma, podemos perguntar por que há tão poucas personagens femininas na Bíblia em comparação com os homens. Alguns críticos que negam a inspiração divina da Bíblia argumentam hoje que isso provaria que o livro é apenas um produto de uma cultura patriarcal. Alguns complementaristas dizem que essa seria a maneira de Deus destacar os papéis únicos e proeminentes que somente os homens devem desempenhar no Reino de Deus. Uma maneira melhor de compreender tanto a autoridade divina da Bíblia quanto as muitas situações históricas de que ela trata, porém, é dizer que Deus adaptou sua revelação às pessoas em situações específicas, sem com isso idealizar automaticamente essas situações. Se deixarmos de lado esse princípio interpretativo decisivo, concluiremos irrefletidamente, a partir da observação de que as mulheres nos tempos bíblicos estavam de diversas formas sujeitas aos homens, que as mulheres, como parte do plano universal de Deus, deveriam submeter-se aos homens em todos os lugares e em todas as épocas.

A adaptação de Deus corretamente compreendida

No fim da história, Deus finalmente reinará sobre uma sociedade ideal. Mas, desde a Queda, ele escolheu agir de forma redentora dentro da sociedade desestruturada, em vez de simplesmente julgá-la com um dilúvio, como fez certa vez. Por ora, a redenção de Deus cai como chuva de tal maneira que “a água viva do Espírito Santo flui sobre a paisagem social [existente] e, como um rio sinuoso, se adapta aos contornos que encontra. Ao fazê-lo, porém, como a correnteza irrefreável da água, ela remodela a paisagem e, por fim, endireita os caminhos tortos”.⁶¹

As poucas passagens bíblicas em que os autores do Novo Testamento parecem concordar com o patriarcado da cultura da época são, na realidade, exemplos da adaptação de Deus. Ele trabalha com o

que tem, e os apóstolos seguem seu exemplo – semeiam a semente do Reino de Deus em um solo ainda cheio de pedras e ervas daninhas. Atualmente vivemos em uma sobreposição de eras. O Reino de Deus está aqui, em meio a um mundo caído, permeado por sistemas sociais caídos. Um dia o Reino suplantará completamente esses sistemas, mas, por ora, lança suas raízes neles e faz surgir deles algo novo.

O complementarista John MacArthur argumenta que, como somente homens escreveram as Sagradas Escrituras, isso seria uma prova de que Deus designou apenas homens para ensinar a Palavra de Deus. Ele ignora claramente aqueles teólogos que consideram plausível a autoria da carta aos Hebreus por Priscila (com Áquila ao seu lado). Mas, acima de tudo, ele não percebe que na Antiguidade *quase nenhuma mulher havia recebido formação para escrever* – o fato de que somente homens escreveram os livros da Bíblia (ou ao menos predominantemente homens, caso Priscila tenha pegado na pena) é uma prova de que Deus trabalha com o que está disponível, ainda que prometa criar um dia um *shalom* em que todos os homens e mulheres saibam ler e escrever.

Mais sobre a submissão das esposas

A situação social das mulheres na Antiguidade era muito pior do que hoje (embora também nós ainda tenhamos um longo caminho pela frente): os homens eram preferidos às mulheres, detinham o poder e os cargos públicos; dava-se atenção ao que os homens diziam e faziam, e as mulheres ficavam confinadas a uma minúscula esfera doméstica, o que as tornava tão invisíveis quanto os escravos e as crianças.

Toda mulher que resistia tinha de pagar por isso. Em Ester 1, por exemplo, o rei Xerxes oferece um banquete para a elite do reino; ao mesmo tempo, sua esposa Vasti convida suas amigas para um evento só de mulheres. Em meio às festividades, Xerxes, “alegre do vinho”, ordena à sua belíssima esposa que deixe sua festa para “mostrar aos povos e aos príncipes a sua beleza, pois era muito formosa”. Quando Vasti se recusa a vir, o rei furioso, exposto publicamente pela desobediência da esposa, pede conselho a seus sábios. Eles decidem depor Vasti como rainha e proibi-la de jamais voltar a ver o marido. O motivo: querem excluir qualquer possibilidade de que outras mulheres do país sigam seu exemplo e não se sujeitem às ordens do marido. O objetivo é que “todas as mulheres respeitem seus maridos, desde a menor até a maior”.

Essa história mostra que em quase todas as culturas antigas – neste caso na Pérsia, e não em Israel – se pressupunha que os homens deviam liderar nos cargos públicos e que as mulheres deviam estar submetidas a seus maridos. A própria Escritura mostra, portanto, *que o patriarcado é um produto da Queda, e não uma criação especial do Deus de Israel*.

Os apóstolos se encontravam num mundo semelhante, dominado por homens, quando pregavam o evangelho e fundavam igrejas por todo o Império Romano. Já examinamos Efésios 5, mas também fora dessa passagem o conselho dos apóstolos às esposas cristãs na igreja do primeiro século é unânime. Paulo escreve aos colossenses: “Esposas, sede submissas ao próprio marido...”⁶² e a Tito: “Ensina... as mulheres mais novas... a serem sujeitas ao marido.”⁶³ Pedro diz o mesmo: “Mulheres, sede submissas a vosso próprio marido...”⁶⁴ Para quem reconhece a autoridade da Bíblia, isso parece, à primeira vista, totalmente inequívoco. *Poderíamos supor que o ideal de Deus para todos os casamentos é que a mulher se submeta ao homem, mas no restante deste capítulo vou refutar essa conclusão, mostrando que essa suposição equivocada pressupõe uma leitura superficial e errada desses textos.*

Como entendemos as palavras de Paulo na carta aos Colossenses: “Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor. Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura”? Afirmo que, com base em nossa interpretação desses versículos, não chegamos a nenhuma conclusão diferente da de Efésios 5. Os estudiosos concordam que Colossenses e Efésios foram escritas na mesma época. Isso também se percebe numa espécie de método de “recortar e colar” em formulações importantes que aparecem nas duas cartas. Os versículos anteriores são quase idênticos nas duas passagens. Eles usam os seguintes termos na mesma ordem: “uns aos outros”, “salmos”, “hinos”, “cânticos espirituais”, “em vosso coração”, “dando sempre graças a Deus, o Pai”, “em nome”, “do Senhor”, “Jesus”, “Cristo”. A diferença é que a passagem de Colossenses, com apenas dois versículos, é uma versão abreviada da passagem de Efésios, que abrange treze versículos. Efésios 5 amplia as formulações concisas de Colossenses e, assim, esclarece o seu sentido.

E o que dizer das outras duas passagens, Tito 2:3-5 e 1 Pedro 3:1? Há boas razões para duvidar de que Paulo e Pedro, nesses textos, imponham a todas as mulheres de toda a história humana um mandamento geral de se submeterem a seus maridos.⁶⁵ Trata-se de um conselho pastoral às pessoas do Mediterrâneo do primeiro século, que seguiam as regras domésticas de Aristóteles, e, como tal, *não é motivado pela ordem da criação, mas por uma preocupação compreensível em preservar a boa reputação*. Vou explicar isso.

As regras domésticas

Corremos o risco de usar os versículos “Mulheres, submetei-vos” como textos-prova quando os arrancamos de seu contexto. Vejamos o contexto literário, as passagens maiores em que encontramos esses e outros versículos semelhantes:

	<i>Esposas – maridos / Mulheres – homens</i>	<i>Filhos – pais</i>	<i>Escravos – senhores</i>
Efésios	5:21-33	6:1-4	6:5-9
Colossenses	3:18-19	3:20-21	3:22–4:1
1 Pedro	3:1-7	Não mencionado	2:18-25
Tito	2:1-8	Não mencionado	2:9-10
1 Timóteo	5:1-16	Não mencionado	6:1-3

O que nos chama a atenção ao analisarmos o contexto literário? Antes de tudo: toda vez que a submissão de uma esposa é mencionada, isso faz parte de um chamado “código doméstico”, no qual são reguladas as relações dentro da casa, composta de maridos, esposas, filhos e escravos. Seguindo os ensinamentos anteriores de Aristóteles, segundo o direito romano as casas deviam ser organizadas sob o governo de um homem mais velho. Se não houvesse um homem adulto, a mulher mais velha assumia esse papel. O antigo código doméstico seguia uma hierarquia estabelecida em ordem decrescente de posição: o chefe da casa, depois a esposa, depois os filhos e os escravos. Em outras palavras: Paulo e Pedro não anunciam uma sabedoria independente do contexto, que deva valer para todos os casais pelo resto da história cristã. Eles se dirigem a um contexto bem específico – a aplicação do evangelho numa casa comum da Antiguidade, organizada segundo as normas da sociedade romana.

Em segundo lugar, em nenhum desses textos se ordena ao marido que lidere. A mulher é apenas exortada a submeter-se. Os apóstolos partiam do pressuposto de que a liderança masculina já era

praticada. O que queriam alcançar com seus mandamentos era suavizar a liderança do marido e elevar o status inferior da mulher. Pedro e Paulo ensinam as mulheres a aceitar a submissão como algo voluntário, fortalecido pelo evangelho, em vez de apenas tolerar a liderança do marido.

Em terceiro lugar: em todas essas passagens – e isso é da maior importância para a argumentação deste capítulo – *a submissão exigida da mulher ao marido é colocada em paralelo com a submissão exigida dos escravos a seus senhores*. Em duas passagens esse paralelo também é aplicado à obediência dos filhos aos pais, mas o paralelo com a relação senhor-escravo é estabelecido todas as vezes.

Voltarei em breve ao paralelo entre escravidão e patriarcado, mas antes quero observar que Paulo e Pedro não apresentam nem a escravidão nem a submissão da mulher no casamento como um ideal – antes, como todos os bons líderes espirituais deveriam fazer, eles ajudam as igrejas com as quais trabalham a *tirar o melhor proveito de situações que às vezes estão longe de ser ideais*. Deus faz algo semelhante em Gênesis 16, quando a escrava Agar foge de sua senhora Sara, que a maltratava. Depois de salvar e fortalecer Agar, Deus diz: “Volta para a tua senhora e humilha-te sob as suas mãos.”⁶⁶ Quem de nós concluiria daí que a instrução de Deus a ela era a expressão de seu propósito mais elevado e melhor para ela? Não, seu conselho paterno a ajuda a tirar o melhor proveito de uma situação que está longe de ser ideal. Evidentemente, é melhor para ela e para seu filho submeter-se a Sara do que fugir para o deserto.

Também hoje às vezes é melhor tirar o melhor proveito de uma situação não ideal em que nos encontramos. Meu pai, recém-casado, foi por exemplo convocado para dois anos de serviço militar no exército sul-africano. Com um filho recém-nascido e uma jovem esposa em casa, ele sabia que isso estava longe de ser ideal, mas não tinha escolha. Só podia tirar o melhor proveito de uma situação ruim. A alternativa era a prisão. Às vezes um pastor aconselha sua igreja a participar de uma eleição democrática, embora a democracia não esteja na Bíblia e, portanto, não seja necessariamente o ideal eterno de Deus para a sociedade humana. Um sermão contra ela provocaria reações contrárias desnecessárias. O mesmo vale para a ordem doméstica de Aristóteles no primeiro século.⁶⁷

A preocupação com a boa reputação

Além de ajudá-los a tirar o melhor proveito de uma situação não ideal – por que Pedro e Paulo aconselham as mulheres e os escravos a se submeterem voluntariamente a seus maridos e senhores, respectivamente, os quais, por sua vez, são instruídos a tratar suas esposas e escravos com bondade e respeito? Na maioria dos textos encontramos uma resposta convincente: Paulo e Pedro estão empenhados em preservar a credibilidade e a atração evangelística das jovens igrejas aos olhos de um mundo observador, no qual a obediência das mulheres e dos escravos ao *paterfamilias* era, afinal, lei romana.

Eis as evidências disso nos textos:

- Pouco antes de se dirigir aos escravos e às esposas, Pedro aconselha a submissão ao imperador e acrescenta: “Porque assim é a vontade de Deus, que, *pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos*.”⁶⁸
- Às mulheres, Pedro diz: “Sede submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa.”⁶⁹

- Às mulheres de Creta, Paulo diz: “Sede sujeitas ao marido, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.”⁷⁰
- Aos escravos de Creta, Paulo diz: “Sede submissos a vossos senhores, para que, em todas as coisas, honreis a doutrina de Deus, nosso Salvador.”⁷¹
- Aos escravos de Éfeso, Paulo diz: “Todos os que estão debaixo do jugo da escravidão considerem dignos de toda honra o próprio senhor, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados.”⁷²
- Em relação a todas as instruções que transmite à igreja de Éfeso por meio de Timóteo, Paulo escreve: “Dá estas instruções às pessoas, para que sejam irrepreensíveis. ... Não deem ao adversário ocasião favorável de maledicência.”⁷³

O que está acontecendo aqui? Sobretudo 1 Pedro, mas também Tito e 1 Timóteo, são cartas a igrejas pequenas, muitas vezes perseguidas, que lutam em meio ao sofrimento. A estratégia de Satanás é atrair atenção negativa para essas igrejas. A carta aos Efésios é um documento “interno”, dirigido exclusivamente a cristãos, sem consideração pelos de fora (por isso não menciona problemas de reputação). Nessas três cartas, ao contrário, a motivação é tratar de um problema específico da situação, a saber, como a igreja é vista pelos de fora. Cynthia Westfall diz a esse respeito:

Era uma cultura preocupada com a honra, na qual os papéis de gênero desempenhavam um papel importante. Se uma mulher se comportasse como o “senhor” de seu marido, dominando-o, isso era visto como um desafio destrutivo a toda a hierarquia do Império Romano e ao sistema de patronato. Violações dessas convenções eram levadas a sério e podiam destruir a reputação das igrejas. O comportamento das mulheres oferecia uma oportunidade bem-vinda para ataques polêmicos contra a igreja primitiva e outros grupos religiosos.⁷⁴

Num mundo em que escravos e esposas eram obrigados por lei a submeter-se ao *paterfamilias*, essas esposas e esses escravos eram chamados a ir além da medida habitual e a submeter voluntariamente sua vida a seus maridos e senhores, respectivamente. Felizmente, os apóstolos haviam dado ao *paterfamilias*, caso ele fosse cristão, instruções correspondentes sobre como cuidar sinceramente dos membros de sua casa.

Indo direto ao ponto: quando Pedro e Paulo disseram às mulheres que se submetessem a seus maridos, não estavam com isso estabelecendo uma hierarquia de gênero em todos os casamentos como uma espécie de ideal cristão. Antes, estavam se adaptando a uma situação não ideal. Na primeira linha de sua carta, Pedro não se dirige a crentes que vivem numa sociedade futura e consumada, mas a “forasteiros espalhados por todas as províncias” – somos estrangeiros que fazem o melhor possível para se adaptar, ainda que vivamos nossa verdadeira cidadania no Reino de Deus. Se levarmos em conta as antigas normas domésticas, essas passagens devem ser entendidas no sentido de que a igreja é exortada a superar as normas culturais sem se rebelar abertamente contra elas. Pedro e Paulo tinham de agir dentro de ordens imperfeitas, pois os funcionários romanos procuravam qualquer pretexto para mandar prender cristãos. Qualquer desafio teria acarretado investigações e perseguição para essas pequenas igrejas. É digno de nota que, depois da redação de 1 Pedro, de Tito e de 1 Timóteo, passaram-se apenas poucos anos até que seus autores, Pedro e Paulo, fossem executados por perturbar a ordem romana.

“Escravos, submetei-vos... Igualmente, vós, mulheres, submetei-vos”

Tito é instruído a ensinar as mulheres a se submeterem a seus maridos (2:3-5), e logo depois também lhe é dito que os escravos devem se submeter a seus senhores (2:9).

Pedro inverte a ordem de Paulo: primeiro fala das relações entre escravos e senhores, depois das relações entre esposas e maridos. Em 1 Pedro 2:18, os escravos são exortados a se submeter a seus senhores com todo o respeito – não somente aos bons e cordatos, mas também aos injustos; depois lemos em 3:1 que as mulheres devem, da mesma maneira, submeter-se a seus maridos. Com sua escolha de palavras, Pedro reforça a ligação entre essas instruções: “Escravos... submetei-vos... Mulheres, da mesma maneira, submetei-vos...!”

Chegamos agora ao argumento central deste capítulo: *a instrução de que as esposas devem se submeter é interpretada pelos complementaristas como atemporal e universalmente válida. Já a instrução paralela de que os escravos devem se submeter, nós, pessoas modernas que deixamos a escravidão para trás, a entendemos como condicionada pela situação.*

Como a história se repete quando ninguém aprende com ela, vou explicar essa constatação um pouco mais detalhadamente.

A resistência cristã à abolição da escravidão

Abolicionistas cristãos, movidos pela consciência da justiça de Deus, superaram primeiro a escravidão como instituição no Reino Unido, em 1833; depois, com o tempo, a libertação dos escravos se estendeu também a outros países. Pessoas como William Wilberforce, John Wesley, John Newton, Charles Finney, as irmãs Grimké, Harriet Stowe, Olaudah Equiano e Frederick Douglass acabaram por levar a instituição da escravidão a um fim triunfal e duradouro. Todos os cristãos modernos gostam de falar desses heróis da transformação social.

Menos conhecido – e talvez o esqueçamos de propósito, porque é uma vergonha para os cristãos de hoje – é o fato de que, nos Estados Unidos, os maiores opositores da abolição da escravidão eram os cristãos do sul do país. De fato, a maior denominação dos Estados Unidos hoje, os Batistas do Sul, separou-se em 1845 dos Batistas do Norte justamente por causa dessa questão.

Até o século 18, a maioria dos cristãos acreditava que a escravidão era bíblica; com isso queriam dizer que ela era *aprovada por Deus*. Teólogos fiéis à Bíblia nos Estados Unidos, como Robert Dabney e J. H. Thornwell, desenvolveram argumentos bíblicos convincentes a favor da manutenção da escravidão. Charles Hodge, o maior teólogo reformado de seu tempo, escreveu um ensaio intitulado *The Bible Argument on Slavery* [O argumento bíblico sobre a escravidão], no qual argumentava da seguinte forma:⁷⁵

- *Deus instituiu a escravidão.* Ao condenar Cam, filho de Noé, a ser escravo,⁷⁶ o próprio Deus instituiu a escravidão.
- *Deus aprovou a escravidão.* Até Abraão, Davi e Jó tinham escravos.
- *A lei mosaica apoiava a escravidão.* Por exemplo, o quarto e o décimo dos Dez Mandamentos pressupõem que o povo de Deus possui escravos. Além disso, a lei de Moisés permitia fazer escravos judeus sem recursos e prisioneiros de guerra.⁷⁷
- *Jesus nunca se pronunciou contra a escravidão.* O que ele não condenou, ele deve ter aprovado.

- *Os apóstolos ordenaram aos escravos que se submetessem a seus senhores.* Eles regulamentaram a escravidão sem condená-la.
- *Os apóstolos usaram a escravidão para ilustrar um aspecto positivo do evangelho* – nós, “escravos de Cristo”, devemos obedecer completamente ao Senhor a quem pertencemos.

Uns poucos teólogos tentaram mudar a opinião dessa maioria de teólogos, mas fracassaram. Num debate de quatro dias em 1845, por exemplo, o abolicionista Jonathan Blanchard examinou “os princípios gerais da Bíblia” e “todo o espectro das Sagradas Escrituras”. Para ele era evidente que “os princípios da Bíblia são justiça e retidão”. Ele defendia que, com citações bíblicas, é possível provar quase qualquer coisa e, assim, chegar a conclusões que contradizem as verdades maiores das Escrituras.

Infelizmente, os cristãos do Sul que criam na Bíblia estavam tão convencidos de que Deus aprovava a escravidão que estavam dispostos a pegar em armas numa guerra civil que custou mais de meio milhão de vidas humanas para defender seu direito de manter a escravidão! A Guerra Civil não significou o fim do racismo no sul dos Estados Unidos, mas humilhou de tal forma os cristãos que antes possuíam escravos que eles acabaram tendo de admitir que a escravidão era errada. A irrefreável mudança cultural – impulsionada por um senso de justiça – levou-os a voltar-se novamente para as Sagradas Escrituras, onde, lenta mas seguramente, reconheceram o erro de sua conduta. Hoje praticamente todos os teólogos acreditam que a Bíblia, corretamente entendida, apesar dos numerosos argumentos “bíblicos” de outrora, não apoia a escravidão e que essa prática é pecaminosa.

Escravidão e patriarcado comparados

Examinemos agora os paralelos entre a escravidão e o patriarcado, a suposição corrente desde sempre na civilização de que os homens devem liderar. Vejamos com que facilidade se pode desenvolver uma cadeia de argumentos semelhante quando se interpretam as Escrituras de modo complementarista:⁷⁸

- *Deus instituiu a autoridade masculina.* No jardim do Éden, antes da Queda, Deus fez de Adão o chefe de Eva.
- *Deus aprovou a autoridade masculina.* Patriarcas, e não matriarcas, lideraram o povo de Deus. Reis, e não rainhas, dominam a história de Israel.
- *A lei de Moisés apoiava a autoridade masculina.* O décimo mandamento diz que não devemos cobiçar a mulher, o jumento ou outros bens do nosso próximo. E os sacerdotes têm de ser homens, não mulheres.
- *Jesus nunca se pronunciou contra a autoridade do marido.* O que ele não condenou, ele deve ter aprovado.
- *Os apóstolos ordenaram às mulheres que se submetessem a seus maridos.* Eles regulamentaram o patriarcado sem condená-lo.
- *Os apóstolos usaram a autoridade do marido para representar um aspecto positivo do evangelho,* no qual o marido devia representar Cristo, o Senhor, e a esposa devia submeter-se a seu marido como ao próprio Cristo.

Vocês percebem os paralelos impressionantes e preocupantes entre as tentativas de fundamentar a escravidão e o patriarcado na Bíblia? Até a maior igreja do mundo reconhece hoje o paralelo entre os textos “Mulheres, submetei-vos” e “Escravos, submetei-vos”: em 1988, o papa João Paulo II defendeu

de forma clara e inequívoca a opinião de que o uso dos escritos de Paulo em Efésios 6 para justificar a escravidão não era diferente do uso de Efésios 5 para justificar a submissão da mulher no casamento.⁷⁹

Maçãs e laranjas?

Como os teólogos complementaristas reagem a essa semelhança? George Knight diz que os textos “Mulheres, submetei-vos” e “Escravos, submetei-vos” são muito diferentes – “maçãs e laranjas”. Por quê? Vou citar um artigo⁸⁰ de um importante teólogo complementarista, Sam Storms, que apresenta seis razões pelas quais, em sua opinião, podemos condenar a escravidão e, ao mesmo tempo, defender a submissão das mulheres. Vou citá-lo ponto por ponto, colocar suas palavras em itálico e entre aspas, e depois responder a cada argumento:

Primeiro: *“A Escritura é conhecida por regulamentar relações indesejáveis sem aprová-las como ideais permanentes (veja Mateus 19:8; 1 Coríntios 6:1-8). Com suas instruções para a relação entre escravos e senhores, Paulo não está dizendo que a escravidão é uma boa instituição.”*

Storms, portanto, entende muito bem que Deus está disposto a se adaptar às estruturas sociais. Ótimo! Mas é exatamente esse o argumento que deve ser apresentado a respeito da submissão, culturalmente prescrita, de uma esposa a um *paterfamilias* no mundo greco-romano – a Bíblia a regulamenta sem aprová-la.

Segundo: *“A instituição da escravidão não está fundamentada na criação; é antes uma distorção resultante da Queda. O casamento e a primazia masculina, por outro lado, fazem parte da ordem original criada, que existia antes da Queda.”*

Aqui Storms entende mal Gênesis 2 e 3 e eleva a ideal algo que, segundo Gênesis 3:16, é consequência direta da Queda, e não da criação.

Terceiro: *“Em várias passagens são lançadas as sementes da abolição da escravidão. Veja Filemom 16, Efésios 6:9. Nada no Novo Testamento indica, porém, que o mesmo estivesse previsto para a relação entre marido e mulher.”*

Isso não é verdade. Gálatas 3:28, 1 Coríntios 7 e uma interpretação correta de Efésios 5, em especial seu ensino sobre a submissão mútua, são, sim, “sementes da dissolução” da supremacia masculina no casamento.

Quarto: *“Se o argumento da escravidão for usado para declarar inválida a submissão da mulher a seu marido, isso não declararia inválida também a submissão de um filho a seus pais? Observe-se como Paulo, em Efésios 5-6, trata das relações entre marido e mulher, pais e filhos, e escravos e senhores.”*

Storms usa a palavra errada: os filhos devem “obedecer”, ao passo que as esposas e os escravos devem “submeter-se”. Isso liga as esposas e os escravos de maneira única. Storms também parece supor que pais e filhos naquela cultura leriam os versículos sobre pais e filhos da mesma forma que nós hoje no Ocidente. Mas quem de nós insistiria que nossos filhos obedçam aos pais até bem entrada a idade adulta? Um leitor do primeiro século entenderia Efésios 6 no sentido de que Paulo ordena até mesmo aos filhos adultos que obedçam aos pais, e não apenas que os honrem.⁸¹

Mas, mesmo que a relação entre pais e filhos fosse naquela época a mesma de hoje (o que não era), *uma hierarquia baseada no gênero dentro do casamento é muito diferente da hierarquia geracional na relação entre pais e filhos*. O fato de nossos filhos pequenos saberem pouco sobre a vida e a sabedoria de vida os coloca numa posição em que a dependência e a obediência são o melhor para eles e, por

isso, são mantidas até mesmo em culturas igualitárias. O mesmo não vale para um casamento entre dois adultos instruídos. O objetivo da paternidade e da maternidade é conduzir nossos filhos para além da dependência e da obediência, para que finalmente possam estar à frente de sua própria família como chefes e, assim, se tornem nossos iguais (como Paulo indica em Efésios 5:31). Seria, portanto, errado tentar fazer valer a liderança dos pais sobre um filho por toda a vida dele. Por que, então, deveríamos ter tanta certeza de que é correto fazer isso com nosso cônjuge?

Quinto: *“Nas instruções de Paulo aos escravos não é mencionado nenhum mandamento moral permanente nem princípio moral absoluto a respeito da escravidão.”*

Aqui Storms repete o ponto um. Mas vejam as palavras de 1 Pedro 2–3: “Escravos, submetei-vos a vossos senhores... Igualmente, vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos.” Com que base Storms tem certeza de que a primeira instrução não é um mandamento moral permanente, ao passo que a segunda o é? Seu ponto de vista é incoerente.

Sexto: *“Paulo prevê expressamente a possibilidade de um escravo obter a liberdade e a recomenda (1 Coríntios 7:21). Em relação às esposas e à sua submissão a seus maridos, ele não diz nada comparável.”*

Isso se deve ao fato de que o casamento, ao contrário da escravidão, é, segundo o plano de Deus, uma unidade de uma só carne.⁸² A libertação da escravidão era desejável porque representa a redenção da instituição do trabalho, ordenada por Deus. De modo semelhante, a libertação do patriarcado é a redenção da instituição do casamento, ordenada por Deus. O objetivo de Paulo ao escrever Efésios 5 é alcançar, naquela cultura, um casamento tão igualitário quanto possível, sem enviar uma mensagem de revolução contra as regras de Aristóteles.

Tudo isso significa que, ao contrário do que afirmam George Knight e Sam Storms, a escravidão e o patriarcado são *muito* semelhantes – de modo algum como maçãs e laranjas, mas *frutos podres da mesma árvore caída* . A escravidão é, em princípio, muito semelhante à ideia da liderança do marido sobre sua esposa. Sejam benevolentes ou brutais em sua manifestação, ambas as práticas são resultado de um mundo caído. Não faz sentido condenar, por um lado, até mesmo a escravidão “benevolente” – como todos os cristãos fazem hoje – e, ao mesmo tempo, ser um baluarte do patriarcado “benevolente”.

Se um efeito de longo prazo do evangelho sobre a sociedade é eliminar a escravidão, então ele mata, com a mesma cajadada, também o patriarcado. Por essa razão, Clarice Martin, num notável artigo sobre a interpretação da Bíblia entre os afro-americanos, faz uma pergunta reveladora: “Como podem pregadores e teólogos negros do sexo masculino aplicar uma hermenêutica liberal quando pregam e escrevem sobre escravos, mas uma hermenêutica literal quando se trata de mulheres?”⁸³

Lições de injustiças passadas

Ao negar as semelhanças entre escravidão e patriarcado, os teólogos complementaristas repetem o erro dos antiabolicionistas cristãos do sul dos Estados Unidos e colocam as igrejas que confiam em sua perspicácia teológica, mais uma vez, numa situação embaraçosa para a igreja de Jesus, prolongando assim a desvalorização de alguns de seus próprios membros.

O que torna tudo isso ainda mais trágico é o fato de que os defensores mais influentes da supremacia masculina no mundo inteiro são os *Batistas do Sul* , uma denominação à qual pertence uma em cada quatro igrejas americanas. Eles continuam a difundir suas ideias em todo o mundo por meio de seus

principais teólogos e de sua mídia. A advertência de Georg Hegel parece se confirmar: “A única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos nada com a história.”

O que, exatamente, a igreja de hoje deveria aprender com os erros dos antiabolicionistas cristãos? Primeiro: é possível chegar a uma convicção por meio de extensas obras “científicas” que reúnem textos de toda a Bíblia – como acontece com denominações inteiras e escolas teológicas inteiras – e, ainda assim, estar em erro.

Segundo: é possível que a cultura se desenvolva numa direção positiva que seja, de fato, resultado de princípios cristãos que lançaram raízes nessa cultura ao longo de milênios. Por exemplo, a “Magna Carta da humanidade” de Paulo em Gálatas 3:28 é a primeira vez na história em que alguém formulou de maneira tão incisiva a ideia da igualdade e do fim das hierarquias sociais. Quanto devemos, de fato, a esse versículo pela abolição da escravidão e da supremacia masculina na sociedade? Em vez de rechaçar ou até atacar a influência do evangelho na sociedade, a igreja deveria reivindicá-la para si e celebrá-la.

Terceiro: é possível que descobertas e avanços na sociedade questionem uma interpretação das Escrituras existente há muito tempo. Quando a maioria das pessoas acreditava que o mundo era plano ou que a Terra era o centro do universo, a igreja tinha versículos bíblicos para sustentar isso. Quando descobertas científicas o refutaram, isso nos deu a oportunidade de ler a Bíblia de uma nova maneira e ver o que sempre esteve nela. Quando a Revolução Industrial e as primeiras ondas do posterior movimento pelos direitos das mulheres alcançaram o Ocidente, as mulheres tiveram pela primeira vez a chance de provar sua inteligência e capacidade, comparáveis às dos homens. Em vez de ver isso como uma ameaça, trata-se antes, para nós, de uma oportunidade de olhar de novo para as próprias Escrituras com a pergunta: o que deixamos de ver durante todo esse tempo?

Quarto: devem-se evitar erros de interpretação frequentes. Para interpretar partes isoladas da Bíblia, é preciso recorrer à Bíblia inteira. É fácil demais reunir “textos-prova” que, por sua vez, são mal interpretados. Não podemos esquecer que os livros da Bíblia, embora escritos *para* nós, não são dirigidos *a* nós. *Precisamos* nos familiarizar com o contexto histórico em que o texto foi escrito *antes* de elaborar a mensagem atemporal que então podemos aplicar à nossa época e ao nosso contexto.

Quinto: o interesse próprio e o *pensamento de grupo* podem levar-nos a ler a Bíblia de forma muito tendenciosa. (Vocês encontram mais informações sobre esse tema no apêndice 6.) Em regra, as pessoas (inclusive os cristãos) resistem a tudo o que ameaça sua posição ou seus privilégios. Deveriam os teólogos que possuíam escravos ter tido a voz mais alta nos debates teológicos do século 19? Podem hoje as pessoas que perderiam seu emprego e sua reputação como pastores, líderes ou professores em igrejas, ministérios e instituições de ensino complementaristas ser as vozes dominantes nessa questão?

Sexto: é preciso a igreja inteira para interpretar a Bíblia. Nunca é sensato ignorar ou menosprezar partes da igreja que veem as coisas de modo diferente de nós. Rotular pessoas que amam sinceramente as Escrituras de “culturalmente acomodadas” ou “liberais” pode ser uma forma de se fazer de surdo à voz de Deus. Pessoas a quem acusamos de ter “uma visão baixa” das Escrituras podem ter uma compreensão muito melhor de partes delas do que nós.

Por fim, é especialmente prejudicial para a credibilidade da igreja na sociedade apegar-se a práticas sociais erradas, mesmo depois que o restante da sociedade as abandonou. Na minha opinião, é tão autodestrutivo para a igreja continuar sendo um baluarte do patriarcado quanto seria continuar

usando a Bíblia para justificar a escravidão. Nos séculos em que a cultura e a igreja estavam mais ou menos de acordo em que a escravidão era aceitável, e a igreja chegava a elogiar sua forma mais branda, aderir a isso não prejudicava demais a reputação da igreja. Mas imaginem: como seria recebido se um lar cristão moderno no Ocidente decidisse “obedecer a Deus” mantendo dois escravos que tivessem concordado com essa prática por razões bíblicas?

Algo semelhante acontecia enquanto a igreja concordava com a convicção cultural formulada por Jean-Jacques Rousseau: “O homem deve ser forte e ativo; a mulher deve ser fraca e passiva; um deve ter tanto o poder quanto a vontade; basta que a outra ofereça pouca resistência”⁸⁴. Naquela época, aderir ao patriarcado não era muito prejudicial para a reputação da igreja. Mas agora que até uma premiada série de televisão como *The Handmaid’s Tale* se baseia no “horror” da submissão da mulher, nós, como igreja, não estamos muito longe daquela imaginária família moderna com escravos quando ensinamos nossas filhas a se sujeitarem à autoridade unilateral do marido e proibimos mulheres com dons de ensino e de liderança de ensinar e liderar.⁸⁵

Se nós, cristãos, estendermos a igualdade das mulheres para além do ambiente doméstico, à igreja e à sociedade, não apenas tornaremos nossos casamentos mais harmoniosos, mas também fortaleceremos a credibilidade do nosso evangelho em nossa cultura. O que nossos concidadãos esqueceram – mas do que podemos lembrá-los – é que a atual valorização da mulher em nossa cultura está historicamente enraizada na influência lenta e constante do nosso próprio evangelho, que confere dignidade, e no conhecimento do caráter amoroso e justo de Deus. Afinal, há muito tempo Deus não conhece restrições complementaristas e capacitou as mulheres a desenvolver plenamente seus dons – inclusive a possibilidade de liderar e ensinar homens com poder.

Notas

1. Richard Hays, *First Corinthians*, p. 116
2. Mesmo que num casamento vigorem autoridade e submissão, isso não significa que a mulher não possa ter autoridade sobre o marido em outra esfera. Débora, por exemplo, mulher de Lapidote, pode ter recebido ordens do marido em casa, na cultura patriarcal em que vivia, mas ainda assim era uma líder bem-sucedida em seu país. Lá, até o marido dela tinha de receber ordens dela. Isso pode parecer complicado, mas não é contraditório, pois não há nenhum lugar na Bíblia em que a submissão de uma mulher no casamento seja apresentada como razão para que ela não possa assumir um papel de liderança na igreja e na sociedade.
3. Como pequeno exemplo, encontrei visões no sentido do complementarismo de um ponto em N. T. Wright, da Europa Ocidental, em Hayk Hovhannisyan, da Europa Oriental, e, no passado, também em Michael Bird, da Austrália. Para quem está profundamente envolvido nas “guerras” entre igualitarismo e complementarismo nos Estados Unidos, essa possibilidade talvez não seja acessível. N. T. Wright explica: “Parte do problema, especialmente nos Estados Unidos, é que as culturas ficam tão polarizadas que muitas pessoas, quando marcam um quadradinho, supõem que precisam marcar uma dúzia de outros quadradinhos do mesmo lado – sem perceber que o próprio lado é altamente arbitrário e condicionado pela cultura.” Quando algo nos é dito muitas vezes, tendemos a acreditar. Se eu marco duas estrelas no céu noturno e digo: “Estas duas estrelas estão ligadas uma à outra. Formam uma constelação chamada ‘Os Ponteiros’”, meu ouvinte imagina um fio invisível ligando essas estrelas. Toda vez que ele olhar para o céu, vai notar que elas “pertencem uma à outra”. Na verdade, são estrelas isoladas, a milhões de anos-luz uma da outra. Só de um determinado ângulo na nossa galáxia elas parecem estar próximas. O mesmo acontece com a condição de cabeça do marido e o ofício de presbítero – são estrelas isoladas e separadas. No propósito de Deus, não estão necessariamente ligadas, e nas Sagradas Escrituras certamente também não.
4. Beth Allison Barr, em *The Making of Biblical Womanhood* (cap. 6), cita *Happily Ever After*.
5. Mas teólogos complementaristas renomados afirmam erroneamente justamente isso! Andreas Köstenberger, por exemplo, escreve em *God, Marriage, and Family* (p. 250): “Jesus confirmou o plano original de Deus, o Criador, para o casamento, citando tanto Gênesis 1:27 quanto 2:24 (Mateus 19:4-6 e passagens paralelas). Com isso, nosso Senhor

confirmou de forma decidida e enfática o projeto original de Deus para o casamento, com o marido como cabeça e a mulher como parceira submissa e auxiliadora.”

6. Wayne Grudem, *Evangelical Feminism*, cap. 1
7. John Piper, *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, cap. 1
8. Ed e Gaye Wheat, *Intended for Pleasure*, 4ª ed., p. 30–31
9. Kevin Leman, *Sheet Music*, p. 54.
10. Tim e Kathy Keller, *The Meaning of Marriage*, cap. 2
11. Tim e Kathy Keller, *The Meaning of Marriage*, cap. 6
12. Tim e Kathy Keller, *The Meaning of Marriage*, apêndice
13. Timothy Keller, The Timothy Keller Sermon Archive, 2012–2013
14. Para ouvir: www.bit.ly/2ZPRZGH
15. John Piper formula o argumento da seguinte maneira: “Na relação entre homens e mulheres na igreja, os homens devem assumir a liderança, de modo análogo a como um marido assume a liderança em casa (Efésios 5:22-33).” Curiosamente, uma das maiores igrejas do meu continente permite que mulheres preguem e liderem a igreja. Por causa da ênfase na submissão da esposa, porém, desenvolveu-se ali uma cultura estranha: essas pregadoras e pastoras se recusam a casar, porque os membros da igreja passam a levar menos a sério o papel de liderança delas no momento em que se casam.
16. Para ouvir: www.bit.ly/2ZPRZGH
17. Gênesis 3:16
18. Elaine Storkey, *Scars across humanity: Understanding and Overcoming Violence Against Women*, p. 210
19. As ideias se espalham para além dos limites das igrejas. Por isso, precisamos também nos perguntar que efeitos os conceitos cristãos têm sobre a cultura em geral. Se uma igreja ensina que a submissão da mulher ao homem é o ideal de Deus, isso não contribui para evitar a violência de gênero. Se, ao contrário, a igreja enfatiza que o ideal de Deus para o casamento se baseia na reciprocidade, isso certamente contribui para conter a violência doméstica.
20. Veja www.ab.co/3bHZF05 e www.bit.ly/3GNbrVt
21. www.bit.ly/3nVy1CK
22. Eggerichs, *Love & Respect*, p. 221. Ele fez essa afirmação sem se referir a estudos ou a outras provas externas.
23. Sheila Gregoire, *The Great Sex Rescue*, cap. 2. Um estudo do Instituto Gottman chega ao mesmo resultado. John Gottman escreve em seu livro “Die sieben Prinzipien für eine glückliche Ehe” (Os sete princípios para um casamento feliz) que “estatisticamente, a probabilidade de um casamento fracassar é de 81% quando um homem não está disposto a compartilhar o poder com sua parceira”.
24. Sheila Gregoire, *The Great Sex Rescue*, cap. 2.
25. Sheila Gregoire, *The Great Sex Rescue*, cap. 2.
26. Numa entrevista em podcast, Alan Frow defende o modelo do “voto decisivo” [*tiebreaking*], argumentando que, como pastor, ao aconselhar casamentos igualitários, ele constata que “há muitas tensões porque eles não sabem quem vai tomar a decisão”. Para ouvir aqui: www.bit.ly/2ZPRZGH. Mas isso vale realmente de forma geral? Se parto da minha experiência com o casamento e com os casais que aconselhei, então a ideia da esposa de que a autoridade do marido entra em ação quando não conseguem chegar a um acordo leva, na verdade, a enormes tensões no casamento. Numerosos conselheiros cristãos enfatizam que o que mais ajuda a lidar com as tensões em casamentos cristãos cheios de conflitos não é a introdução de uma instância de decisão na figura do marido, mas a renúncia a ela. Antes, o casal precisa aprender a realmente ouvir um ao outro, a amar-se e a deixar de lado os próprios planos em favor do outro. Ouvi histórias suficientes de mulheres que tentam desesperadamente submeter-se ao poder de decisão final do marido, mas ainda assim sofrem com isso. Quando imagino os papéis invertidos e me coloco na situação de uma esposa que defende apaixonadamente uma opinião sobre determinado assunto, enquanto o marido defende com a mesma paixão outra opinião e, no fim, toma a decisão, fica claro para mim que o conceito do poder de decisão final poderia obrigar o marido a desrespeitar as palavras de Jesus: “Tudo, pois, quanto quereis que os homens [não] vos façam, assim [não] fazei vós também a eles.”
27. Mateus 24:10; Lucas 12:1; 1 Coríntios 7:5; 11:33
28. Outra argumentação dos complementaristas diz: se a submissão mútua (em Efésios 5:21) deve valer para os três pares de relação (marido-esposa, pais-filhos, senhores-escravos), então Paulo não pode de modo algum estar minando o conceito de liderança e submissão no casamento, já que o segundo e o terceiro pares de relação são, por natureza,

hierárquicos. Eu, porém, entendo Efésios 5:21 de outra forma: não se trata de um versículo-moldura para os três pares, mas apenas de um versículo de transição para a nova seção da carta de Paulo, que ele aplica especificamente às relações conjugais. Essa é uma abordagem muito melhor do que a de complementaristas como Schreiner e Knight, que até aceitam a ideia da submissão mútua tanto para maridos quanto para esposas, mas a reformulam de maneira estranha como “a mulher se sujeita ao seu papel de esposa dócil, enquanto o marido se sujeita ao seu papel de líder abnegado”. Paulo, porém, claramente não os exorta a submeter-se a seus papéis, mas uns aos outros.

29. Romanos 13:1

30. “Como *hypotassō* contém a ideia de ter uma posição mais baixa do que outra pessoa, a palavra se presta tanto à submissão a autoridades quanto à submissão em relações pessoais entre iguais. No primeiro caso, há uma ordem de posição objetiva numa hierarquia: os cristãos, por exemplo, estão sob a autoridade do governo civil e por isso precisam submeter-se a essa autoridade. No segundo caso, a ordem de posição é subjetiva: os crentes devem colocar a si mesmos abaixo dos outros, como se estivessem numa hierarquia; isto é, devem tratar os outros como se fossem mais importantes do que eles mesmos; essa é a essência da humildade cristã (Romanos 12:10; Filipenses 2:3).” (Andrew Bartlett, *Men and Women in Christ*, p. 36)

31. Cynthia Westfall escreve em *Paul and Gender* (cap. 1): “Efésios 5:18-23 forma no grego uma única frase, e as instruções às esposas no versículo 22 são – pela omissão do verbo ‘submeter-se’ no versículo 22 – gramaticalmente dependentes da submissão mútua no versículo 21.”

32. Paulo parece proteger esse significado de “submeter-se” em sua carta ao escolher, nos versículos seguintes, outra palavra – “obedecer” – para as relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo.

33. Tito 2:4

34. Há até uma explicação neurológica para o fato de os maridos tenderem a ser mais egoístas do que as esposas – veja www.on.today.com/3CKRIsD

35. *Men and Women in Christ*, p. 64

36. Duvall e Hays, *Grasping God’s Word*, cap. 13.

37. Aristóteles, *Política*, 1255b.

38. Parto também do princípio de que “os escravos, tanto no ambiente grego quanto no romano, não podiam casar-se legalmente. As observações de Paulo sobre o comportamento de esposas e maridos em Efésios 5 dirigem-se, portanto, em primeiro lugar a pessoas livres, especialmente à camada social que dirigia lares com escravos.” (Andrew Bartlett, *Men and Women in Christ*, p. 66)

39. David Scholer, *Journal of the Evangelical Theological Society* vol. 30, dezembro de 1987, p. 416. www.bit.ly/3bDKpI9

40. Aristóteles, *Política*, 1259a.

41. Celso foi um crítico pagão que viveu no segundo século. Esta citação vem de Ross Shepherd Kraemer, *Her Share of the Blessings* (p. 128).

42. Veja John Piper, *This Momentary Marriage*, cap. 6–8

43. Grudem usa o termo “paterfamilias” apenas uma vez, a saber, na nota 102 do capítulo 7. Ali, outro autor enfatiza a importância do membro mais velho do lar.

44. João Paulo II, *Mulieris Dignitatem*, p. 88.

45. Gênesis 21:12

46. Juízes 13:10-11

47. Lucas 1:26-38

48. Mateus 1:18-21

49. 2 Reis 4:8-10

50. 1 Samuel 25:3

51. 1 Samuel 25:25

52. Citação de partida segundo a NRSV [New Revised Standard Version]

53. Richard Hays, *First Corinthians*, p. 116.

54. A obra de referência de Grudem, *Evangelical Feminism and Biblical Truth* [Feminismo evangélico e verdade bíblica], por exemplo, foi escrita para refutar argumentos igualitários, entre eles também o argumento de que 1 Coríntios 7 ensina um casamento entre iguais. Num trecho muito curto (6.7), que ocupa apenas uma única das 800 páginas da obra, Grudem se limita a afirmar que 1 Coríntios 7 apenas regula a liderança autoritativa do marido. Ele não apresenta, porém, nenhum argumento contra a suposição de que esse trecho não só deveria regular a *aplicação* da interpretação

hierárquica de Efésios 5, mas também determinar a *interpretação* de Efésios 5. Uma passagem como 1 Coríntios 7, que afirma de forma inequívoca que tanto o marido quanto a esposa têm autoridade igual um sobre o outro – um fato sobre o qual todos os intérpretes estão de acordo –, deveria ter peso na interpretação de uma passagem (Efésios 5) da qual apenas alguns intérpretes afirmam que confere ao marido autoridade unilateral.

55. Por exemplo, Tom Schreiner – como destaca Andrew Bartlett em *Men and Women in Christ* (p. 18–19) – escreve, em resposta a *Man and Woman: One in Christ*, de Philip Payne, de 2009, um resumo detalhado e tenta uma refutação. Embora Payne dedique um capítulo inteiro a 1 Coríntios 7, Schreiner estranhamente nem menciona esse capítulo. Algo semelhante acontece com Claire Smith, que em 2012 publicou o livro *God's Good Design: What the Bible Really Says about Men and Women* [O bom plano de Deus: o que a Bíblia realmente diz sobre homens e mulheres]. Seu objetivo declarado é tratar dos “textos bíblicos mais importantes” que “deveriam determinar” o melhor modelo de casamento. O livro é recomendado com entusiasmo por Don Carson e outros, e muitos o elogiam por sua completude. Estranhamente, porém, nenhum de seus cinco capítulos sobre o casamento trata de 1 Coríntios 7. Não atribuo desonestidade a esses autores, mas apenas a existência de um considerável ponto cego e indícios de um “viés de confirmação”, no qual as pessoas usam a Bíblia inconscientemente não para saber tudo o que ela diz sobre um tema, mas apenas para sustentar sua opinião preconcebida.
56. Citação de *Discovering Biblical Equality*, p. 238
57. Fonte: www.gates.ly/3bMqqQZ
58. Fonte: Sandra Joshel e Sheila Murnaghan, *Women and Slaves in Greco-Roman Culture*, p. 217–20. Citado em Barr, *The Making of Biblical Womanhood* (p. 226)
59. Veja Susan Hylen, *Women in the World of the New Testament*
60. Para entender melhor como as condições sociais restringem a escolha das pessoas que podem assumir um papel de liderança, pensem numa igreja moderna composta principalmente de pessoas com formação universitária, numa região próspera. Considerem agora quão improvável seria que um trabalhador sem instrução pudesse assumir um papel de liderança nessa igreja, pela simples razão de que seria duvidoso que essas pessoas o seguissem (e, portanto, que ele pudesse de fato liderá-las). Por essa razão, também não encontramos na Bíblia exemplos de escravos que fossem presbíteros.
61. John Stackhouse, *Finally Feminist*, p. 39
62. Colossenses 3:18
63. Tito 2:5
64. 1 Pedro 3:1
65. Para que meu livro não ficasse longo demais, decidi não explicar 1 Pedro 3:1-7 por completo. Recomendo, porém, o capítulo 6 do livro de Andrew Bartlett *Men and Women in Christ* [Homens e mulheres em Cristo]. O capítulo se intitula “Submission and Honour: 1 Peter” (Submissão e honra: 1 Pedro). Bartlett mostra, a meu ver de forma convincente, que Pedro segue essencialmente o mesmo caminho que Paulo em Efésios 5, para minar a ordem hierárquica da cultura por meio de um ensino sobre a submissão *mútua*. Como Paulo, também Pedro em 3:1-6 nem derruba o papel submisso culturalmente esperado da mulher, nem o endossa sem restrições; antes, ele o revisa com novas motivações inspiradas pelo evangelho: não por medo do marido não cristão, mas por esperança em Deus e pelo empenho em ganhar o marido para Cristo. E, como Paulo, Pedro não idealiza nem condena o papel autoritário culturalmente esperado do marido cristão, mas o revisa em 3:7 em três aspectos: 1) Os maridos devem se comportar em relação às suas esposas “da mesma maneira” (essa é a expressão decisiva que muitos teólogos complementaristas parecem não perceber), conforme foi descrito antes para: os crentes em relação ao seu Deus e rei (2:13); os escravos em relação a seus senhores (2:18-25); Cristo em relação a seus algozes (2:21); e as mulheres em relação a seus maridos, inclusive Sara em relação a Abraão em Gênesis 18 (3:1-6) – isto é, em humilde submissão. 2) Os maridos devem viver com suas esposas de modo a levar em consideração a força menor de suas esposas. 3) Os maridos devem honrar suas esposas, que (ao contrário da cultura greco-romana) não estão numa posição subordinada, porque são coerdeiras da salvação em igualdade de condições. “Honrar” é aqui a mesma palavra usada antes na carta para descrever a submissão que todos os crentes devem demonstrar ao imperador; comparem 2:13 (“sujeitai-vos [às autoridades]”) e 2:17 (“honrai o rei”). Em outras palavras, Pedro diz aos maridos, sem usar exatamente as mesmas palavras, que também eles devem oferecer submissão às suas esposas (no sentido de serviço humilde e respeitoso). Entendido assim, Pedro parece, como Paulo em Efésios 5, revisar o significado da submissão no casamento, afastando-o da mera obediência à autoridade de outra pessoa e levando-o a um compromisso de serviço humilde e benevolência. A obediência à autoridade só pode fluir numa direção; mas, como se mostra em Efésios 5 e 1 Pedro 3, os casamentos cristãos, independentemente das estruturas sociais em que se encontram, devem dar testemunho de um serviço humilde que flui nas duas direções. Observem, além disso, que Pedro não apresenta como razão para a submissão da mulher o fato de que o marido, segundo o plano de Deus,

tenha autoridade unilateral sobre sua esposa. Se Pedro acreditasse nisso, este teria sido o contexto perfeito para mencioná-lo. Mas ele não o faz e, de fato, não há em nenhum lugar da Bíblia uma passagem em que os maridos sejam instruídos a exercer autoridade unilateral sobre suas esposas.

66. Gênesis 16:9

67. A propósito: assim como, naquela época, a ordem doméstica de Aristóteles e a forma monárquica de governo, hoje a democracia talvez seja o melhor sistema de governo que a sociedade descobriu até agora.

68. 1 Pedro 2:15

69. 1 Pedro 3:1-2

70. Tito 2:5

71. Tito 2:10

72. 1 Timóteo 6:1

73. 1 Timóteo 5:7,14

74. Fonte: www.bit.ly/3EL7OgM

75. Agradeço a Kevin Giles, no capítulo 8 de *What the Bible Actually Teaches on Women*, por esta seção.

76. Gênesis 9:20-27

77. Levítico 25:39-41; 25:44-46

78. Agradeço a Kevin Giles, no capítulo 8 de *What the Bible Actually Teaches on Women*, por esta seção.

79. Papa João Paulo II, *Mulieris Dignitatem*, p. 24. Citado em Barr, p. 110.

80. Fonte: www.bit.ly/2ZXK1LY

81. “A relação entre filhos e pais diferia em pontos essenciais da nossa cultura atual. No mundo moderno pressupõe-se que os filhos, em algum momento depois de se tornarem adultos, se tornem independentes dos pais e deixem de estar sob sua autoridade. No mundo antigo não era assim; ali se esperava que os filhos adultos permanecessem sob a autoridade dos pais até bem entrada a idade adulta.” (Howard Marshall, *Discovering Biblical Equality*, p. 188.)

82. Jane Hooker apresenta mais um argumento, que vou acrescentar à lista de Storms: “Há diferenças consideráveis entre a prática bíblica da escravidão e a prática americana mais recente da escravidão.” (Fonte: www.bit.ly/3GNFnk9). Com isso ela parece querer dizer que o movimento social pelo fim da escravidão nos últimos séculos é compreensível, mas que a escravidão no primeiro século não era tão ruim. Mas também no primeiro século os escravos eram tratados com crueldade. Além disso, ela deixa de lado o cerne da questão: em ambos os casos, a escravidão consistia na posse de um ser humano para fins econômicos. A abolição da escravidão não dizia respeito apenas aos maus-tratos aos escravos, mas também às suas formas mais brandas.

83. Cain Felder (org.), *Stony the Road we Trod*, p. 226. Citado por Barr, cap. 6.

84. Jean-Jacques Rousseau, *Emílio, ou Da educação* (1762). Citado em Barr, cap. 6

85. John Stackhouse, em *Finally Feminist* (p. 56), o expressa de forma mais incisiva: “Quando a sociedade era patriarcal, como era no contexto do Novo Testamento e como é em todo o mundo, exceto na sociedade moderna do nosso tempo, a igreja evitava escândalos adaptando-se a ela. Agora, porém, que a sociedade moderna é, pelo menos oficialmente, igualitária, o escândalo está em a igreja não acompanhar a sociedade e não se alegrar com a liberdade sem precedentes de deixar mulheres e homens servirem segundo seus dons e seu chamado, sem limites arbitrários de gênero. Esse escândalo prejudica tanto a evangelização de outras pessoas quanto o ... vínculo e o desenvolvimento daqueles que já se converteram. ... A continuação do patriarcado pelas igrejas nesta sociedade representa para [muitos] um obstáculo religioso.”